3 1761 06185821 3

PQ
9261
V462B67
1861
c.1
ROBARTS

f 2

P. 3149

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/bosquejometrico00vial

Ao Ill.mo Ex.mo Sr. Dr.
José Jacinto Tavares

em signal de respeito
e de gratidão

P.

BOSQUEJO

METRICO

DOS

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

OPUSCULO APPROVADO

PELO

CONSELHO GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

3.ª Edição corrigida e augmentada

When truth is sufficient to fill the mind,
fiction is worse than useless.
JOHNSON.

DUPLICADO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1861

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

Dr. JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima

&c. &c. &c.

EM SIGNAL DE RESPEITO E GRATIDÃO

OFFERECE ESTE OPUSCULO

O AUCTOR

Ἡ μεγάλα χάρις
Δώρῳ ξὺν ὀλίγῳ

Theocrito.

AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES

Escol dos filhos d'esta lusa terra,
Que ao estudo vos daes em tenra idade,
Nobres exemplos este livro encerra
De alto valor, e de christã piedade:
Lendo de nossos reis, na paz, na guerra,
Tantas acções de esforço e heroicidade,
Vereis que, d'elles digna, a lusa gente
Briosa sempre foi, sempre valente.

De um povo lido haveis, que subjugára
O quasi inteiro conhecido mundo:
Outro vedes, que ovante os plainos ara
(Dominador feliz) do mar profundo:
Vedes outra nação, não menos clara,
Do bom gosto empunhar sceptro jocundo;
Nas armas sendo, a um tempo, insigne e destra,
E nas artes da paz modelo e mestra.

AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES

De antiga ou de moderna estranha gloria
Não vos offusque o brilho: a patria vossa
Logar excelso conquistou na historia,
De que nação nenhuma a desapossa:
De acções mais dignas de immortal memoria
Que feitos mil e mil da gente nossa,
Povo algum não blazona: é nescio, ou louco,
Quem ter tão nobre patria estima em pouco.

Com mágua a vemos decadente agora...
Encontre cedo em vós seguro esteio!
Da discordia, e cubiça, os damnos chora;
Á cubiça, á discordia, ah! ponde um freio.
Mãe de christãos heroes, foi grande outr'ora;
Venha a sê-lo outra vez por vosso meio:
Ao pundonor, e á fé deveu tal brilho;
Honrae vossos avós: segui seu trilho.

BOSQUEJO

METRICO

CANTO I

I

Novo cantor da patria ascenda ao Pindo:
A celebrar seus fastos se abalance;
E, de ficções a historia revestindo,
De segundo Camões renome alcance:
Eu, tão só da verdade a luz seguindo,
Folgo indicar n'um rapido relance,
Sem que chame em auxilio Apollo, as musas,
Luso, aos filhos de Lysia, as glorias lusas.

II

Da derradeira Hesperia o solo ameno,
No extremo occaso (Portugal agora)
Onde ar puro se logra, um céu sereno,
E os dons mais bellos de Pomona e Flora,
Lusitania chamou-se. O povo peno,
Que sulca, afouto, o mar, terras explora,
Em região tão rica e tão fecunda,
Dilata o seu poder, colonias funda.

III

Eis que as aguias de Roma, ao peno infestas,
Vem, sedentas de sangue, ao clima hispano...
Auxilios a Carthago, ó Lysia, prestas,
Causa á lacia nação de immenso damno.
Após tres lutas horridas, funestas,
Succumbe emfim o barbaro africano:
Roma, qual soberana, em alto solio,
Ao mundo dicta leis no Capitolio.

IV

A Lysia as dicta em vão... Do monte Herminio
O pastor Viriato, escuro e pobre,
Por dois lustros resiste ao seu dominio,
Sem que jamais seu animo soçobre.
Assim, ó Roma, o barbaro assassinio,
Obra de teu pretor cobarde e dobre,
Na longa lide em que o vigor esgotas,
Pagas, com justa pena, em cem derrotas.

V

Sempre afeito a vencer, morde-se e brame,
De raiva insano, o tumido latino,
Pelos lusos vencido; embora clame,
Que é prole illustre do immortal Quirino.
Esquece o brio antigo em tal certame;
Teme arrostar as furias do destino...
Quem julgar-se ousará mais forte e sabio
Que Unimano e Pompeu, que Plaucio e Fabio?

VI

«Viriato se immole.» Infames braços
Cravam trédos punhaes no inerme peito,
Quando o heróe, dando folga aos membros lassos
Jaz, immerso no somno, em duro leito.
Mas embora os mais graves embaraços
Suscite á nobre causa o torpe feito;
Da Italia, em breve, singular reforço
Chega, opportuno, ao lusitano esforço.

VII

Entre os lusos Sertorio, em raiva acceso,
Latino, contra o Lacio as armas vibra:
Sustenta do commando o grave peso,
E as mais dispares forças equilibra.
Contra a lusa nação, quasi indefeso,
Na traição o romano emfim se libra:
Ao antigo sequaz do forte Mario
Arranca a nobre vida um vil sicario.

VIII

Morto o bravo caudilho, em pranto, em luto,
Fica Lysia infeliz e a Hespanha inteira;
Que vê d'esforços mil perder-se o fructo,
Bem que inda lute, intrepida, guerreira.
Até que Octaviano, audaz e astuto,
Póde ganhar victoria derradeira,
Dos povos, que pungíra a prisca injuria,
Com brandos modos desarmando a furia.

IX

Então por cinco seculos, submissa,
Paga tributo a Roma a lusa gente:
A Roma, que com barbara injustiça
O mundo opprime, altiva e prepotente:
Mas ao seu fasto e sordida cubiça
Chega o termo fadado. O Omnipotente,
Tanto orgulho e furor mais não soffrendo,
Manda ao povo oppressor castigo horrendo.

X

Varios em lingua e leis, em crenças varios,
Boreaes povos, de indole ferina,
Excita á luta (asperrimos contrarios)
De Roma em damno, a colera divina.
Eis ameaçam, brutos, sanguinarios,
Aos lacios muros ultima ruina,
Vingar fazendo assim vetustos planos,
Godos e suevos, vandalos e alanos.

XI

Da Germania e da terra escandinava,
Vem o imperio assaltar com furia infrene:
Ei-los na Hespanha já, qual ignea lava,
Descendo os altos montes de Pyrene!
Roma despota fôra; agora escrava
Quer o céu vingador que chore e pene,
Vendo do seu poder o grão colosso
Desfeito em pó, com misero destroço.

XII

Mas se o prisco poder, fulgor profano,
Perdeste, ó Roma de Quirino e Numa,
Exerces um poder mais do que humano
Hoje, ó Roma christã, com gloria summa.
Em ti tem séde fixa o soberano
Pastor da grande grei, que é santa e uma;
E assim te posso, afouto e verdadeiro,
Metropole chamar do mundo inteiro.

XIII

O pugnaz invasor na Hesperia abranda,
A pouco e pouco, os barbaros costumes,
E deixada de Arío a seita infanda,
Da pura fé recebe os claros lumes.
Quasi esquecidos de uma e de outra banda
Figadaes odios, pristinos ciumes,
De paz e affecto vinculo sincero
Une o godo feroz e o bravo ibero.

XIV

De discordias civis fatal resulta!
Nova cruenta guerra Hespanha assola:
De Rodrigo a ambição não fica inulta;
Julião ao seu odio a patria immola.
Co'a nefanda traição a Libya exulta;
A bandeira do arabio já tremola
(Que horror!) após terrificas batalhas,
Derribada a da Cruz, em cem muralhas.

XV

Os proceres opprime, e o clero e a plebe,
O sectario do falso, impio, propheta:
Só para resistir-lhe eis se apercebe
Pelaio, da fé santa insigne athleta.
Na mente a heroica empreza, audaz, concebe;
Infatigavel tende á nobre méta;
Arma-se, «ás armas» brada, e nas Asturias,
Rebate, rei christão, as mauras furias.

XVI

Ao som da rouca tuba, em toda a parte
Arma-se a grei christã, prodigios obra:
Da Cruz ovante ao inclyto estandarte
A cerviz, vezes cem, o mouro dobra:
Outras, resiste impavido, e d'est'arte
Não larga a presa opima, alentos cobra:
Seculos dura a lide e se propaga
Mais e mais, e de sangue a Hesperia alaga.

XVII

Mas protege os christãos favor celeste!
Surge na terra hispana estado novo,
Que a prol da fé, Senhor, crescer fizeste,
Qual d'arvore vivaz feliz renovo.
Embora Africa toda auxilio preste
Ao sarraceno hispano; o luso povo
Vae vence-lo, e plantar, de Deus bemquisto,
Té nos confins do mundo a Cruz de Christo!

XVIII

O borgonhez Henrique ao solo hesperio
A lança vem brandir. Guerreiro invicto,
Da maura gente em damno, em vituperio,
Longo sustenta, asperrimo, conflicto.
Governa o Sexto Affonso o hispano imperio,
E em premio a tal valor, com santo rito
Quer que o famoso heroe se una a Tareja,
E, conde, Portugal conquiste e reja.

XIX

Do que assim houve illustre senhorio
Em breve Henrique os terminos dilata:
Continuo affronta o mauro poderio;
Castellos, hostes, rende e desbarata.
Nem menos que bellaz, devoto e pio,
De Christo o grão sepulchro, humilde acata,
E ao Redemptor que ali jazêra outr'ora,
Entre a turba fiel, prostrado adora.

XX

Affonso Henriques, já na inteira idade,
Mau grado á mãe, assume a governança:
Firma da patria a plena liberdade,
E contra o fero mouro empunha a lança.
Heroico campeão da christandade,
Em mystica visão, ditoso, alcança
Do divinal favor certeza expressa,
E em prol do novo reino alta promessa.

XXI

Posto o mouro em Ourique em plena rota,
É proclamado rei, com ledo auspicio:
Das quinas o brazão no campo adopta;
Da visão, da victoria, ao mundo indicio.
Assoma á foz do Tejo amiga frota:
Não perde Affonso ensejo tão propicio;
Aos muros de Lisboa o cerco aperta,
E, após renhidas lutas, os liberta.

XXII

Na Extremadura, então, succumbe e cede
Em toda a parte o barbaro agareno:
Pouco resta ao sequaz de Mafamede
Na região alem do Tejo ameno.
Na guerra, sem descanso, o rei procedè:
Resgata o transtagano almo terreno,
E faz ali nos muros e campinas
A bandeira ondear das santas quinas.

XXIII

Benigno, sobre Affonso o céu derrama
De sua graça influxos salutares:
Em santo zêlo, grato, o rei se inflamma,
Sacros cenobios funda, erige altares.
Exalta em toda a parte a voz da fama
Do grão monarcha os feitos singulares;
Porém firmeza na ventura humana
Quem se atreve a esperar, quanto se engana!

XXIV

Seus erros juvenis Affonso expia,
Com viva dor, nos annos já maduros:
Vencido e preso, em aspera porfia,
De Badajoz o vêem os altos muros;
Mas quando o filho, intrepido, auxilia,
Prestes novos trophéus eis tem seguros:
Descerca Santarem, e em breve espaço,
Colhe virente palma o velho braço.

XXV

Então o resto de teus cheios dias
Passas, Affonso, em paz e no retiro,
Todo em santas acções, em preces pias,
Emquanto o sol perfaz um annuo gyro.
Com dor geral do povo que regias,
Emfim exhalas o ultimo suspiro,
Lá d'onde se ouve, em placido socego,
O brando som das aguas do Mondego.

XXVI

Justo não é, que por ingrato olvido
Aqui de alguns heroes os nomes cale,
Cujo valor concorre, em grau subido,
Para que Affonso tanto se assignale.
Em lealdade e esforço esclarecido,
Egas Moniz, quem ha que a ti se iguale?
Livrado o teu senhor, comtigo á morte
Offertas, prompto, os filhos e a consorte!

XXVII

Quem nas ondas, pugnando em santa lide,
Dá do luso valor primeiro exemplo?
É Roupinho, que igual ao grão Pelide
No mar, na terra, attonito contemplo.
Queimára a maura frota; o céu decide
Dar-lhe paz perennal no eterno templo:
Por seu Deus, por seu rei, vertendo o sangue,
Na destroçada nau succumbe exangue.

XXVIII

Pois de ti que direi, que a fama antiga
De Codro, Decio e Cocles escureces,
Martim Moniz, que na tremenda briga,
Em sacrificio á patria te offereces?
Já no castello o mouro não se abriga;
Surdo foi Mafamede ao voto, ás preces...
Se o guerreiro tropel teu corpo esmaga,
Tens do feito sem par no Empyreo a paga!

XXIX

Nem é menos rasão que o luso vate
Aqui de um sacerdote o nome aponte,
Que a soberba inimiga, orando, abate,
Qual outr'ora Moysés no arabio monte.
Pelo rei, pela patria, em cru combate,
Todo ardor o soldado a morte affronte:
Theotonio invoca a Deus, em Deus se estriba,
E assim mauros pendões vence e derriba.

XXX

Cognome honroso, que durou na historia,
Deu-te, bravo Gonçalo, a marcia lida;
Que em buscar nobre presa, alta victoria,
Toda gastaste a trabalhosa vida.
Em Evora por ti não menos gloria,
Giraldo *Sem pavor*, é merecida:
Por destemor igual, feitos diversos,
Pobre feudo aceitae de toscos versos!

XXXI

Cingida a fronte de virente louro,
Que nas campinas beticas ceifára,
Ascende Sancho ao solio, e o fausto agouro
Confirma, heroe, qual antes se mostrára.
Com germanico auxilio arranca ao mouro
Silves, forte cidade, antiga e clara:
A, fama, que seu nome eleva ao polo,
Povoador o diz do patrio solo.

XXXII

Mais do que este brazão, ditoso torna
Sancho Primeiro a prole feminina,
Sobre a qual os seus dons profusa entorna
A suprema adoranda Essencia Trina.
A Mafalda e a Thereza a fronte adorna
Regia corôa —a Sancha outra mais dina—
A de esposa de Christo—e as tres festeja
Nos altares, devota, a lusa igreja.

XXXIII

Eis, triplice flagello a lusa terra,
Mudada a sorte, subito devasta:
Em damno seu, a peste, a fome e a guerra,
Fazem contra os fieis liga nefasta:
Do Algarve occupa o mouro o prado e a serra;
Em vão o luso o passo lhe contrasta;
Mas prestes em Thomar, em Torres Novas,
Dão de esforço os christãos brilhantes provas.

XXXIV

Vem d'Africa Jucub mais reforçado:
Toma Alcacer, Palmella e fero avança;
Mas ache embora, então, propicio o fado,
Só victorias ephemeras alcança.
O christão leonez vê castigado
O crime seu da monstruosa alliança;
Que a expensas d'elle o lusitano medra,
Rendidas Tuy, Sampaio e Pontevedra.

XXXV

Eis o Segundo Affonso o sceptro toma,
E á gente hispana, em horrido perigo,
Prompto soccorro manda, e a furia doma
Na propria terra ao barbaro inimigo.
Alcacere do Sal, que de Mafoma
Prestar soe ao sequaz seguro abrigo,
E d'onde elle os christãos assalta e offende,
Com batavo reforço oppugna e rende.

XXXVI

N'esta illustre facção palmas ceifaste
Em defensão da fé, nobre Soëiro:
Para louvar-te não ha voz que baste,
Christão pastor, pontifice guerreiro.
Mais de um rei mouro embora te contraste,
E em soccorro dos seus corra ligeiro;
Alcacer cae, e em turbida desordem,
O solo os infieis aos centos mordem.

XXXVII

De leso amor fraterno a fama argue
Affonso, que não pouco assim deslustra
Os generosos dotes que possue,
Com que no marcio ardor seu nome illustra.
As inclytas irmãs da herança exclue,
E só temor em parte o intento frustra;
Que o leonez se oppõe altivo e bravo,
E Roma o força ao justo desaggravo.

XXXVIII

Assim de Affonso os dotes soberanos
Desdoura da cubiça o torpe effeito;
Do escandalo porém compensa os damnos,
Defensor da virtude e são direito.
Numerosas promulga, em poucos annos,
Providas leis em publico proveito;
Fructo do accordo unanime e sincero,
Entre o monarcha, os proceres e o clero.

XXXIX

Accordo que depois, por desventura,
Entre o clero zeloso e o rei altivo,
Sem mutua queixa, pouco tempo dura,
Que cedo entre elles ferve odio mais vivo.
Do braccharense a rigida censura
Dá de Affonso ao furor novo incentivo:
Honorio, de mór damno emfim presago,
Congraça, a custo, em Lysia, o sceptro e o bago.

XL

Da metropole lusa amparo e gloria,
Antonio, a quem devoto o mundo admira,
Que prisco ou novo heroe, na nossa historia,
Mais pasmo excita, mais respeito inspira?
Permitte, que ao fazer de ti memoria,
Humilde aqui te invoque a minha lyra,
E do Segundo Affonso a dita exalte,
Sob o qual deste á patria o mór esmalte.

XLI

Padua que seu (sem jus) folga chamar-te,
De possuir teus ossos se gloria:
Em ti (que és filho seu) tem baluarte
Firme, seguro, a lusa monarchia:
Mas não só n'ella e em Padua—em toda a parte,
Por tuas santas preces e valia
(De sanha vos mordei monstros estygios)
Obra o Senhor innumeros prodigios.

XLII

Sancho Segundo occupa o luso throno;
Perde-o porém depois, julgado indino:
Não se entrega da inercia ao molle somno,
Como affirma, fallaz, rumor malino.
A terra transtagana em seu abono
Recorda acções de esforço peregrino;
Mas corruptos privados não sopeia,
E, expulso, busca asylo em terra alheia.

XLIII

N'ella, a principio, com as furias arca,
Intrepido varão, do fado adverso;
Vida vive depois austera e parca,
Á celeste mansão todo converso.
De lealdade ao misero monarcha,
Dignos de alto louvor em prosa e em verso,
Vencendo riscos mil, fadigas, peitas,
Daes nobre exemplo então, Pacheco e Freitas.

XLIV

E não menos de esforço illustres provas
Dás, Correia immortal, no Algarve oppresso,
Quando luta sanguina ali renovas,
Contra o mouro, a quem damna o teu regresso.
Fôra arrojo cantar nas minhas trovas
Tanta peleja, e prospero successo,
Ó luso Josué, que assim te acclama,
Teus portentos narrando, a voz da fama!

XLV

Do estado, após a turbida procella,
Affonso o Bolonhez dirige o leme:
Vendo quanto a justiça acata e zela,
O bom vassallo folga, o impio treme.
O mouro, a quem no Algarve o rei debella,
Ou foge, ou curva o collo e escravo geme:
Lysia então não vê mais nas torres suas
O profano pendão das meias luas. .

XLVI

Nem só no reino avito ás hostes mauras
Faz curvar a cerviz, raio de guerra:
Por seu auxilio a capital restauras,
Bravo Fernando, da vandalia terra.
Da fortuna aproveita as brandas auras
Affonso, e em solo alheio encalça, aterra,
De Agar os netos, tremulos, confusos,
E volve, ufano e ovante, aos lares lusos.

XLVII

Grave stigma (inda mal!) severa e justa
No nome d'este rei a fama imprime,
Que entre os grandes heroes da estirpe augusta
Logar lhe faz haver menos sublime:
Mathilde quantas lagrymas te custa
Da ingratidão do esposo o torpe crime!
Por Brites, cujo pae convem-lhe amigo,
Esquece o nó sagrado, o affecto antigo!

XLVIII

Debalde o grão pastor, a voz alçando,
O novo enlace adultero condemna:
Depois, morta Mathilde, aos rogos brando,
O valída e remitte a justa pena.
Ditoso exerce Affonso o regio mando;
Mas eis que após a dita e a paz serena,
Vê no solo feliz da Lusitania
Brotar, crescer, pestifera zizania.

XLIX

Queixa-se o clero, e clama em altos brados,
Que o monarcha é tyranno, e opprime a Igreja:
Ausentes chora Lysia os seus prelados;
Roma exhorta, ameaça, e emfim troveja:
Conselhos vãos! Anathemas baldados!
Resiste o rei, que de ceder se peja:
Só no leito da morte as iras doma,
E curva o collo altivo ás leis de Roma!

L

No reinado de Affonso, eximio troço
De bravos e de heroes brilha e campeia:
Qual entre estatuas cem éneo colosso,
Avulta entre elles immortal Correia.
Presago o mouro de fatal destroço,
Após tanta derrota, ao vê-lo, areia:
Na hispalica facção, com feitos grandes,
Incute igual terror Martim Fernandes.

LI

Estes varões ao nome lusitano
Dão vivo lustre então; gloria mais clara
Pedro, que a Europa denomina Hispano,
E que, João depois, cinge a tiara.
Nas sacras letras, no saber humano,
Prodigio do seu seculo, brilhára;
Propicio o céu dispõe que ufana veja
Lisboa um filho seu reger a Igreja.

LII

Diniz, filho de Affonso, hymnos merece
Que em Lysia a um novo Alceu inspire a musa:
Entre os hispanos principes fenece,
Por sabio arbitrio seu, lide confusa.
Por fundador, ufana, o reconhece
Do alcaçar de Minerva a Athenas lusa;
E a par d'este brazão, que tanto o exalta,
O de *Rei Lavrador* seu nome esmalta.

LIII

Em mil logares, sedulo, desmouta
Estereis matagaes, terras maninhas;
Onde houvera paul, charneca ou mouta,
Lourejam messes, purpureiam vinhas.
Ao sublime mister tambem se afouta
Que humanas mentes torna ao céu visinhas:
Das Camenas irmãs, dadoras do estro,
Nas artes divinaes se mostra destro.

LIV

Tambem de outro laurel a fronte cinge;
Funda e sagra a Jesus milicia nova,
Que á do Templo succede, e as armas tinge
De sangue, e dá de si fulgente prova:
Que na paz, d'outra gloria ao cimo attinge,
Com que o prisco fulgor em si renova;
Pois se cumprem por ella altos desenhos,
Sulcado o pégo immenso em frageis lenhos.

LV

Por longos annos a Diniz, fagueira,
De seus dons liberal, sorriu ventura;
Mas (instavel por genio e traiçoeira)
Depois lhe mostra torva catadura.
Perto do termo da mortal carreira,
Prova o longevo rei viva amargura,
Ao ver que negra inveja os braços arma
Do filho, a quem a custo emfim desarma.

LVI

Do Quarto Affonso as inclytas proezas
Agradecida exalta a hispana gente,
Que deve, em parte, ás forças portuguezas
Do Salado a victoria refulgente.
Desluz o rei tão nobres gentilezas,
De barbaro rigor vencida a mente,
Quando deixa cravar da linda Castro
Feros punhaes no seio de alabastro.

LVII

Do principe lograva ardente affecto
(Já no sepulchro a misera Constança)
A semventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e jura atroz vingança...
Castro, ouvindo o lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula, se lança:
Co'os filhinhos gentis piedade implora;
Mulher, esposa e mãe, supplica e chora.

LVIII

Abalado, movido, Affonso escuta
Da afflicta dama os rogos derradeiros:
A compaixão sopeia, em grave luta,
Da ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com sanha bruta
Vem saltea-la monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue expira.

LIX

Logo (pena talvez d'erros antigos)
Affonso vê romper guerra intestina:
Vingar-se Pedro quer; não vê perigos;
Leis não acata; freme e desatina.
No meio emfim dos campos inimigos
Brites á paz os animos inclina:
Interpõe preces, pranto, e não socega
Té que amansa do filho a furia cega.

LX

Pedro, esposo infeliz, de Affonso herdeiro,
Vinga, logoque empunha o regio sceptro,
Da cara Ignez a morte, que primeiro
Deplorou, saüdoso, em flebil metro.
Affavel, generoso e justiceiro,
Se dos sons d'aurea lyra, eburneo plectro,
Acções dignas não faz nas marcias lides,
De monstros livra a terra, é luso Alcides.

LXI

Com atroce rigor os réus castiga;
Mas da justiça é defensor e esteio;
E assim apaga, em parte, a nodoa antiga
De não ter posto á ira um justo freio,
Quando á viva paixão que o move e instiga,
Dando soltas, puníra o crime alheio,
Pondo por cego, insano, desafogo,
O não culpado reino a ferro e a fogo.

LXII

Mais formoso que bravo e que discreto,
Reina após Pedro o prodigo Fernando,
Cuja ambição fatal e vão projecto
Ao povo causa estrago miserando:
De Castella rival sempre inquieto,
No governo dos seus remisso e brando,
Com as mais santas leis não tendo conta,
Faz a nobre vassallo atroz affronta.

LXIII

Mas não é seu reinado em tudo infesto
Á sã moral, á publica ventura:
Para freio do mau, louvor do honesto,
Instaura, justo, salutar censura:
Aos proceres denega um jus funesto,
Que impunidade aos dyscolos segura:
O vil ocio, que o povo e os reis desdoura,
Punindo, anima a próvida lavoura.

LXIV

Nem fallecem a Lysia, exhausta, afflicta,
Quando mais arde a guerra e os seus flagellos,
Filhos heroes, que na geral desdita
De brio e de valor sejam modelos.
Debalde um terno affecto o peito agita
De Faria e de Paes. Lusos castellos
Resistem; e ao da patria amor superno
Cede, e á fé dada ao rei, o amor paterno.

LXV

Deu nove reis ao throno lusitano
Do excelso conde Henrique a prole augusta;
Nascidos de consorcio soberano,
Qual a supremos principes ajusta.
Padece quebra após, e grave damno
Arvore tão fructifera e robusta;
Mas por um ramo seu esclarecido
Vamos ver todo o damno resarcido.

CANTO II

I

Antes que longa idade o quebrantasse,
Perde o molle Fernando a doce vida:
Herdeiro falta, a quem o sceptro passe
Sem fera luta, estranha e fratricida:
Brites, fructo (se o é) de indigno enlace,
A occupar o throno se convida:
O povo, que do hispano o jugo execra,
De Aviz ao mestre que o defenda obsecra.

II

De Pedro o filho, ufano, o encargo aceita,
Sabio caudilho, bravo cavalleiro;
Quando a rainha menos o suspeita,
Dá crua morte ao detestado Andeiro;
Chama ás armas a gente ás armas feita;
Repulsa e vence o cúpido estrangeiro:
Taes dotes, obras taes o povo movem
A pôr no throno o denodado joven.

III

O Primeiro João na lusa terra
Impera assim, por triplice direito:
O sceptro dão-lhe, o sangue, o jus da guerra,
E o povo, que decide o grande pleito:
Toda a força de Hespanha o não aterra
(De Aljubarrota o diga o nobre feito)
Ganha e firma, heroe claro em toda a idade,
O solio, a paz e a patria liberdade.

IV

Quem, sem labéo d'ingrato, esquecer póde,
Tal luta recordando, o grão Pereira,
Que então (e sempre) invicto, á patria acode,
Bravo dos bravos na sazão guerreira?
(Que por fim, como quem de si sacode
O pó de longa, turbida, carreira,
Despe a loriga, e envolto em pobre manto,
A Deus só quer servir, asceta e santo.)

V

A par ou quasi a par do grande Nuno,
Seu valor Mem Rodrigues assignala:
A patria se honra de tão nobre alumno,
Que assim concorre, intrepido, a salva-la:
Nem no devido encomio aqui desuno
D'estes varões varão que ambos iguala
Na que a liberta, asperrima jornada,
Aos iberios funesta—Antão de Almada.

VI

Com Nuno o grande rei, fendendo as vagas,
Vae saltear na Libya o mauritano:
Ceuta soberba, nas ardentes plagas,
Curva a cerviz ao jugo lusitano.
Sulcar sob o pendão das santas chagas
Eis manda Henrique o tumido oceano,
E assim as bases lança a regia prole
Do luso-indico imperio á ingente mole.

VII

Ramo illustre, immortal, de excelso tronco,
Da patria o mór brazão, ditoso Henrique,
Que povo a terra habita, inculto e bronco,
Onde a fama teus feitos não publique?
A rudeza do engenho, o ingrato e ronco
De minha voz, me tolhem que dedique
Hymnos a ti. Seu vôo aos astros alce
Futuro Homero, que teu nome exalce!

VIII

Em Sagres, douto astronomo profundo,
De futeis cortezãos fugindo o trato,
Fundaste escola, proveitosa ao mundo
Mais que a Stoa, Lyceu ou Peripato:
A teu alto valor, genio fecundo,
Terás cantor sublime. O luso, grato,
Ali d'onde tal luz então raiava,
Hoje em simples padrão teu nome grava.

IX

Sob os auspicios teus, o pégo undoso
Sulcam novos Jasões, que o mundo admira,
Mais que o rei da Thessalia aventuroso
Dignos d'epica tuba, ismenia lyra.
O Euxino elle assoberba, e, cubiçoso,
O véllo de oiro a conquistar aspira:
Elles chegam, sulcando os mares largos,
Mais longe vezes cem que a immortal Argos.

X

Commettem mór empreza, e os não vigora
Certeza de um thesouro, em risco tanto.
Ei-los á véla já de foz em fóra...
Corre em terra dos seus o amargo pranto.
Ide, nautas heroes! Da roxa aurora
O berço outros verão. Vós entretanto
Mostrae ao mundo novas maravilhas,
No immenso campo equoreo amenas ilhas.

XI

Perestrello, Cabral, Teixeira e Zarco,
Com inveja vos olha a Europa inteira:
Por fabula julgado o herculeo marco,
Muito alem floreaes lusa bandeira.
Ignota a Ptolemeu, Strabão, Hipparco,
Lusa colonia é já gentil Madeira:
Dobrado o Bojador, é justo, Eannes,
Que da empreza feliz, ledo, te ufanes.

XII

Emquanto ao rei e ao reino o luso arrojo
Terras sujeita que descobre ao mundo,
O mauritano o vê, com grave enojo,
O furor arrostar do mar profundo:
Sedento de vingança e de despojo,
Ceuta roubar-lhe tenta, e, furibundo,
Armas toma, áquem mar busca reforços,
Rabido, emprega os ultimo esforços.

XIII

Baldados todos são: por duas vezes,
Ao grão poder de toda a Barbaria
Oppõem os poucos bravos portuguezes,
Com fructo e gloria, a usada valentia.
Honra perenne ao inclyto Menezes,
Que a praça que João só d'elle fia
Defende, contra assaltos e entreprezas,
Com mil d'esforço illustres gentilezas!

XIV

Duarte da facundia á illustre palma
Tem jus, e á do saber proficuo e vario;
Mas então da fortuna o vento acalma,
Ou antes sopra rijo a nós contrario.
Nada val siso, ardor, grandeza d'alma,
Em Tanger, contra o barbaro adversario,
Quando pelo arraial que salvo fica,
Fernando, o santo heroe, se sacrifica.

XV

Do inclyto infante as barbaras cadeias,
Embalde, ó terno irmão, quebrar anhelas:
Penar o vês nas libycas areias,
Martyr da santa fé, que attento zelas:
A custo a magua atroz no peito enfreias,
E ('stimulo á virtude e ás acções bellas)
No estudo contra a dor buscando asylo,
Dictas maximas d'oiro em nobre estylo.

XVI

Depois quando terrifico flagello
De crua peste afflige os teus vassallos,
Todo attento ao seu bem, de reis modelo,
Desprezas fasto, commodos, regalos.
A patria, grata ao paternal desvelo,
Do contagio aos lethiferos abalos
Ao ver-te succumbir, deplora afflicta,
Qual desdita geral, esta desdita!

XVII

De Affonso em nome, intrepido, governa
Pedro (após Leonor) com raro siso,
Por dois lustros, em paz; nem da paterna
Gloria desdiz, no publico juizo;
Mas torpe enredo de discordia interna
Torna-o suspeito ao rei com falso aviso;
Elle que a defender-se, armado, corre,
Reputado traidor, combate e morre.

XVIII

Gentis proezas faz, de Pedro ao lado
Em lance tão fatal, risco tamanho,
Almada, em ardideza abalisado,
Claro no patrio solo e em solo estranho.
Sabe que jaz o infante emfim prostrado...
A morte affronta com horrendo assanho;
Ninguem com tal guerreiro arrosta a salvo;
Té que succumbe de mil golpes alvo.

XIX

Desventurado heroe! (se quem perece
Ao seu rei resistindo em cru certame,
Bem que por nobre impulso, inda merece
Que sem labéo a historia heroe lhe chame)
Por fim teu brilho em parte se escurece
Funesto effeito de um enredo infame!
Teu nome illustre foi, sem mancha a vida,
Misera a morte em luta fratricida!

XX

Das patrias leis o codigo primeiro,
Sendo Affonso inda infante, se promulga
Fixa norma ao juiz, que justiceiro,
Por elle sem perigo as causas julga.
Com applauso geral do reino inteiro,
Subito a fausta nova se divulga;
Que sabias leis o povo em mais estima
Que esplendida victoria ou presa opima.

XXI

Na Libya o Quinto Affonso a lança enrista,
Exemplar de valor e de destreza:
Arzila, Alcacer, Tangere, conquista,
Novos trophéus da gloria portugueza;
Mas em Toro é forçoso que desista,
Mau grado ao seu valor, da altiva empreza:
O sceptro deixa e a patria, e emfim de novo
Volve a reger monarcha o luso povo.

XXII

Mostra assim n'este rei, na paz, na guerra,
Seu genio instavel a fugaz fortuna:
Corôa o seu valor na maura terra;
Suas vélas, galerno, o vento enfuna;
Mas de dita maior lhe as portas cerra:
Que ao sceptro proprio estranhos sceptros una
Estorva e frustra, com total mudança,
De Affonso a dupla, altissima esperança.

XXIII

Fernando de Aragão da esposa o priva,
Priva-o do throno excelso de Castella:
Joanna, que o perdeu, geme captiva,
De franciscano claustro em pobre cella.
Do luso rei consola a magoa viva
A filha, angelical, santa donzella;
Outra Joanna, em caridade e zêlo,
De esposas de Jesus mestra e modelo.

XXIV

Já da luz do saber, fulgente assoma
O crepusculo em Lysia. Á gente lusa
Seus thesouros revela a antiga Roma;
Pule-se a lingua barbara e confusa:
De Octavio o nobre exemplo Affonso toma;
Com prazenteiro rosto, e mão profusa,
Os sabios agasalha, e á lusa gloria
Pregão suscita de latina historia.

XXV

Luso Osymandias, busca e ajunta, ufano,
De escriptos immortaes rico thesouro,
Mais prezados do douto soberano
Que perlas, que rubis, que metal louro:
Assim prepara ao povo lusitano
Das letras, e saber, a idade d'ouro,
E desde já consagra em seu palacio
Culto ás musas gentis do antigo Lacio.

XXVI

Coutinho e Castro dão em seu reinado
Honra á patria, e mais brilho ao lustre avito:
Peres e Almeida esforço abalizado
Mostram de Toro no infeliz conflicto:
De seu grão genitor vivo treslado,
Menezes immortal, guerreiro invicto,
Por salvar o seu rei de indubio exicio,
A vida entrega, alegre, em sacrificio.

XXVII

O Segundo João em gloria, em dita,
Poucos reis tem iguaes nos fastos lusos:
De um poder oppressor o jus limita,
Fonte caudal de innumeros abusos.
Faz que em sertões da Libya a Cruz bemdita
Proscreva os cultos vãos, os feros usos,
E, descoberto o cabo Tormentorio,
Dá fausto nome ao fero promontorio.

XXVIII

Alvo do atroz rancor de seus magnates,
A quem tolhe o poder, o fasto humilha,
Vence, feliz, as tramas, os embates,
E a proposta vereda, ousado, trilha.
Qual bravo heroe nos horridos combates,
Qual modelo de reis na historia brilha;
Mas seus feitos a fama exalte embora,
Feia nodoa de sangue os desprimora.

XXIX

Parte, juiz, executor, castiga
Do duque de Vizeu atroz offensa
João, que com disfarce o réu obriga
Contra si mesmo a proferir sentença:
Já, por suspeita de rebelde liga,
Sem que prova cabal d'isso o convença,
Um Bragança infeliz, truncado o collo,
Tingíra de vermelho o verde solo!

XXX

Imperando João, lançam semente
Do eloquio divinal, cultores pios,
Com indefesso ardor, na Libya ardente,
Ferteis tornando os sáfaros baldios.
Nem esquece entretanto a lusa gente,
Nos horrores da guerra os marcios brios:
Targa o diga e Çamice, e a cavalgada
Do mauro alcaide rota e debellada.

XXXI

Borba, Menezes, Tavora, aos vindouros
Deixam exemplos de immortal bravura;
Alvo das settas dos ferozes mouros,
Alçam a fronte intrepida e segura:
Nem a lembrança dos ceifados louros
Ficará sepultada em noite escura;
Já fazem dos heroes memoria dina
Fernão Lopes, Rezende, e Ruy de Pina.

XXXII

Nos fastos nossos, nos da Europa inteira
Terás memoria eterna, illustre Dias:
De nenhuma outra nau seguindo a esteira,
Em ardua empreza, intrepido, porfias:
Da Libya á extremidade derradeira
Os teus bateis aventuroso guias;
O cabo horrendo, incognito, descobres;
Mas ao céu não apraz que, conscio, o dobres!

XXXIII

Emquanto assim o esforço lusitano
Mares devassa, barbaros debella,
Da dor mais viva ao luso soberano
O peito assalta subita procella:
Affonso o filho seu, que brinca ufano,
Nimio audaz corredor, perdida a sella,
Perde nos braços seus (fatal corrida!)
Mancebo, em choça humilde, a esposa e a vida

XXXIV

Eis Manuel no solio! Eis sublimado
Ao fastigio da gloria o luso nome!
Eis chega o praso a Lysia assignalado,
Em que estranhas nações descubra e dome.
Digno do grande rei, por seu mandado,
Nobre varão, de fulgido renome,
Ao remoto Oriente, em fragil pinho,
Abre, primeiro, o incognito caminho.

XXXV

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas!
A innumeras nações, que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas pagãs, mauras phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que, com applauso igual de reis e povos,
Assumes, rei de reis, dictados novos.

XXXVI

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite e dia, em teu animo revolves;
Na reforma das leis, e em tudo o resto,
Mostras que ao bem geral a mente volves.
Um só acto te mancha, acto funesto!
De barbara expulsão na pena envolves
Todo um povo infeliz, sem mais delicto,
Que cega obstinação no antigo rito!

XXXVII

Igual fazes sentir rigor injusto
Á prole d'Ismael, que então, submissa,
No solo (outr'ora seu) viver sem susto
Só quer, ao fasto estranha e á vã cubiça.
Monarcha em tudo o mais clemente e justo,
Surdo á voz da piedade e da justiça,
De inico pacto ás leis prestando assenso,
És causa ao povo teu de um damno immenso.

XXXVIII

Oh! se dos fastos da inclyta Ulysseia
A pagina rasgar possivel fôra,
Em que nodoa lançou sanguinea e feia
Do fanatismo a furia assoladora!
Mas honra a Manuel que não fraqueia,
Ao crime irroga a pena vingadora,
Novas scenas de horror, próvido, evita,
E d'Israel defende a prole afflicta!

XXXIX

Epocha digna de immortal memoria,
Por grandes feitos, por heroes, brilhante,
A quem deve o fulgor de immensa gloria
O rei descobridor, feliz e ovante!
Lyra ou tuba não ha, nem voz de historia,
Que quanto o mereceis vos louve e cante,
Varões cujas acções o mundo acclama,
Coutinhos, Athaide, Almeidas, Gama!

XL

Mas entre os capitães que ás lusas quinas
Daes por terra e por mar victorias cento,
Em acções de valor quasi divinas
Sois, Pacheco e Albuquerque, o mór portento.
Tu, Pacheco, em Cochim mortes fulminas,
Ao feroz Samorim frustrando o intento:
Que heroe ha que mais lide e gloria merque
Dos seus em prol, que tu, grande Albuquerque?

XLI

A fama não menor no marcio jogo
Tem jus o grande Almeida. Africa o vira
Pòr Quiloa e Mombaça a ferro e fogo—
Da revolta e traição vingança dira—
Após, perdido o filho, em desafogo
Da mais intensa dor, ardendo em ira,
A quem quer que a victoria lhe contenda,
Faz provar do seu braço a furia horrenda.

XLII

Diga-o de Calecut a forte armada,
Digam-no Yaz, Hocem, Dabul punida,
Arabes, rumes que á fulminea espada
Debalde oppõem braveza desmedida.
Ovante eis volve ao Tejo... Alvorotada,
Horda de cafres vil lhe arranca a vida:
Tal, no porto ao entrar com pandas vélas,
Nau se afunde, escapada a cem procellas!

XLIII

Infausto fim no cabo Tormentoso,
Em luta ingloria, teve o grão caudilho:
Quanto em Chaul foi menos lastimoso
O de Lourenço, heroe, seu digno filho!
Ambos subiram ao celeste goso,
Deixando rasto de sidereo brilho:
A patria inda, após seculos, agora
Applaude o seu valor, por elles chora.

XLIV

Applaude a patria, applaude o mundo inteiro
O inclito varão, que a lusa frota
Levando ao Ganges, nauta aventureiro,
Por nunca d'antes conhecida rota,
Do seu valor um digno pregoeiro
Teve, e terá na idade mais remota:
Mais venturoso heroe que o macedonio
Que a falta chora de pregão meonio!

XLV

Venturoso tambem (indaque as musas
Não te hajam esmaltado o nome e a fama)
Cabral, que a vez primeira os mares cruzas,
Recem-sulcados pelo illustre Gama!
Quer Deus que a frota, próvido, conduzas,
A salvo do tufão que horrendo brama,
Á nobre terra, então inculta e agreste,
A que da *Santa Cruz* o nome déste.

XLVI

(Terra vasta, feliz, fecunda e bella,
Quasi um segundo Edén, dos céus mimosa,
Onde em ser liberal mais se desvela
Natureza opulenta e dadivosa.
Outra não póde competir com ella,
Região fertil, rica e deleitosa;
Té que lhe cedem a palma as celebradas
Média, Ophir, Tempe e as ilhas Fortunadas).

XLVII

A par d'estes varões varão illustre
Cumpre aqui nomear, que ao patrio ninho
Deu (talvez seu mau grado) eterno lustre,
Mas em proveito do poder visinho.
Não sentes, Magalhães, que te deslustre,
Contra o rei que te aggrava, odio mesquinho!
Feito o giro do globo, em erma praia
Te vara o coração lança malaia.

XLVIII

Sempre fiel ao rei, sulcas, Sequeira,
Feliz descobridor, ignotas vagas;
Nem com orgulho, ou mira interesseira,
Das brilhantes acções o lustre apagas.
Das quinas, Lopo, arvoras a bandeira
Da Taprobana nas longinquas plagas:
Junto aos vossos, emfim justo é que ponha
Os nomes de Tristão e de Noronha.

XLIX

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva
Com denodado arrojo á Libya ardente,
Jaime, duque immortal, que mais eleva
Da Brigantina estirpe a gloria ingente.
A culpa expia assim de uma acção séva;
Rende Azamor, aterra a maura gente,
Que igual temendo proxima ruina,
Lhe abre as portas de Tite e de Almedina.

L

Perlas, oiro, rubis, em copia immensa
O domado oriente ao Tejo envia;
Que mil bens, generoso, o céu dispensa
Ao luso rei, á lusa monarchia.
Propaga mais e mais de Christo a crença
O rei nas plagas d'onde nasce o dia,
E, de victorias cem colhendo o fructo,
A Deus primicias paga e amplo tributo.

LI

Assim o attesta a fabrica sagrada
Por sua gratidão, piedade e zêlo,
Com regio fausto erguida, e consagrada
Á virgem mãe na praia do Restello:
Assim o prova o brilho da embaixada
(Tal que Roma exultou, pasmando ao vê-lo)
Quando Tristão, do luso soberano
Levava os ricos dons ao Vaticano.

LII

Nem por victorias só, ditoso, brilha
Manuel, e por fulgida riqueza;
Do terceiro seu thoro inclyta filha,
Maria, esmalta a gloria portugueza;
Do seu sexo ornamento e maravilha,
Entre socias gentis, gentil princeza,
Colhe, largando os feminis lavores,
Das musas no vergel fructos e flores.

LIII

Ás Sigêas irmãs (que brilho eterno
Dão á nação franceza e á gente hispana)
O proprio engenho e o merito paterno
Ganham favor na côrte lusitana.
Qual outra, em tempo antigo ou no moderno,
Nobre matrona, hellenica ou romana,
Ousaria jamais nos dotes d'alma
A Hortencia Castro contender a palma?

LIV

Quanto em Pella dictára o 'Stagyrita,
Quanto ás margens do Sena o bom lombardo,
Tudo folga aprender, tudo medita,
Ao mimo feminil sem ter resguardo.
Por seu vasto saber, que assombro excita
Entre os mais doutos, em solemne alardo,
Recompensa lhe dão, com mão não parca,
Filhos e netos do feliz monarcha.

LV

Vae tendo brilho, sob o rei ditoso,
A lusitana lingua em prosa e em verso,
Antes mesmo que um genio portentoso
Lhe dê primor, e o cante no universo.
Com disfarce lamenta, em som mavioso,
Bernardim, o rigor do fado adverso,
E ás florinhas susurra e aos arvoredos,
Ao som da sanfonina, os seus segredos.

LVI

Do *Principe Perfeito* acções e dotes
Garcia narra e louva em claro estylo;
Das musas aggregado aos sacerdotes,
Não transpõe do seu templo o peristylo:
Com sentenças moraes, agudos motes,
Ao povo soe fallar, folga instrui-lo;
Modesto vate, a muito não se arroja:
Praz aos bons, punge o vicio, os maus anoja.

LVII

Do classico saber nas puras fontes,
Em Florença Barbosa a sêde estanca,
Depois, insigne mestre, áquem dos montes,
Assombra a gente ibera, a gente franca:
Da erudição dilata os horisontes,
Luso doutor na douta Salamanca,
E, das letras no ensino e na reforma,
Dá, Vives portuguez, exemplo e norma.

LVIII

Cada vez mais brilhar na paz, na guerra,
Vistes, filhos de Lysia, a lusa gloria:
Nação nenhuma entre as nações da terra
Logar mais nobre conquistou na historia!
Todos os versos que este canto encerra
Gravae ufanos na tenaz memoria:
Eu, após breve folga, ao thema rico
Volvendo, um novo canto a vós dedico.

CANTO III

I

Vimos té agora o povo lusitano
Ao romano poder, na prisca idade,
Com valor resistir mais do que humano,
Em defensão da cara liberdade:
Autonomo surgir, e soberano,
Vimo-lo após, em prol da christandade,
E alem mar, vencedor, em climas novos,
Dictar leis desde o Tejo a estranhos povos.

II

Assim subiu ao cume da ventura,
Do céu mimosa, a gente lusitana:
Veiu a descer depois; que pouco dura
(Sorte ás nações commum) a dita humana!
Mas sempre a mesma em brio e na bravura,
Resistiu firme á furia castelhana,
Só docil (sacudindo o jugo alheio)
De seus reis naturaes ao doce freio.

III

Igual na nossa idade o luso esforço
Se ostentou, nobre exemplo, ao mundo inteiro,
Contra as phalanges do soberbo corso,
Sob o sabio, immortal, anglo guerreiro.
Massena embalde pede em seu reforço
Cohortes mais e mais: por derradeiro,
Chamem-lhe embora o *Filho da victoria,*
Cede ao luso valor a terra e a gloria!

IV

Se da senda directa ao fim proposto
Da patria o santo amor causou desvio,
Após proemio tal, com novo gosto,
Da breve narração retomo o fio.
Assim, conforme o nobre presupposto,
Á virtude animando o luso brio,
De nossos reis e heroes, com grato enlevo,
Nobres feições a bosquejar me atrevo.

V

O Terceiro João, volvendo a mira
Ás ferteis regiões da roxa aurora,
Presidios, armas, de Africa retira,
Com que na Asia o poder dilata e escora:
Nem a marcios laureis sómente aspira;
Da Santa Cruz a nova terra explora,
E n'um solo introduz, deserto e inculto,
Gente, fabrico, leis, policia e culto.

VI

(Transatlantica terra, aos lusos cara,
Deu-te sagrado nome o alto mysterio
Da humana redempção. Salve, preclara,
Ditosa região, florente imperio!
Um sceptro paternal te rege e ampara,
(Exemplo singular n'esse hemispherio),
És livre e o queres ser; mas vês sem susto
O prestigio, o 'splendor, de um solio augusto.

VII

Sempre mais em poder, riqueza, e lustre,
De Lysia amigo e irmão, cresce e prospera:
Nunca os esforços de teus filhos frustre,
Flagello das nações, discordia fera:
Escude-te o valor, a paz te illustre,
E em piedade pura e fé sincera,
Entre os povos dos mundos, velho e novo,
Só, ditoso, te iguale o luso povo!)

VIII

De João no governo, ás musas grato,
Novo esplendor recebe a lusa Athenas:
Quem das letras se apraz no doce trato,
No lusitano Augusto acha Mecenas.
Ao estylo, á dicção, riqueza, ornato,
Dão engenhos subtis, fecundas pennas:
Seu reinado, nas artes de Minerva,
Da idade de oiro o nome inda conserva.

IX

Nos jogos marciaes não menos brilha:
Pela fé, pela patria, obram façanhas,
Dos antigos heroes seguindo a trilha,
Novos heroes, em cercos e campanhas.
São de alto esforço ao mundo maravilha
Sousas, Cunhas, Rolins, Pires, Saldanhas,
Limas, Silveiras dois, claros mil vezes,
Mascarenhas, Galvões, Cabraes, Menezes.

X

Varões illustres, qualquer d'elles dino
Do galardão das musas soberano,
Qual o daria o vate venusino,
Qual a Eneas o deu o mantuano!
Aos céus ergueu alguns o claro Elpino
Com estro igual ao do cantor thebano:
Para todos cantar desate agora
Novo Pindaro em Lysia a voz canora.

XI

Nenhum d'elles deveu a um mero acaso
Faceis trophéus, louvor, alto conceito:
Merito proprio ás honras do Parnaso
A todos conferiu justo direito.
Ufano, e sem temor, a inveja emprazo
A citar capitães de invicto peito
(Lembre embora os heroes de Pydna ou Zama)
Mais dignos dos pregões de eterna fama.

XII

Do valor portuguez foram primeiro
Visinha arena as terras africanas,
Depois que um rei feliz quanto guerreiro
Ganhára Ceuta ás hostes mauritanas;
Após que o Gama, em concavo madeiro
Abriu caminho ás plagas indianas,
Foi Asia, alem do Tigre, alem do Bactro
Da lusa gloria esplendido theatro.

XIII

Quantos foram do Tejo ali mandados,
Nome deixaram immortal na historia:
Uns descobrindo climas ignorados,
Outros ceifando as palmas da victoria.
Hão sido n'este canto memorados
Alguns dos que á nação deram mais gloria,
De outros muitos nas bellicas emprezas
A India viu as inclitas proezas.

XIV

Ali Sampaio faz que a gente lusa
Cada vez mais nas armas se distinga:
Cambaia obedecer-lhe em vão recusa,
Elle ao jugo a constrange, a affronta vinga.
O rei de Calecut, embora induza
A mandar-lhe soccorro o de Narsinga,
Frustrados seus ardis e seus furores,
Curva-se humilde aos bravos vencedores.

XV

A rica Baharem ao grão Correia
Tambem vencida cede, e a paz implora:
Pagar tributo ao lusos reis pacteia
Das perlas mais gentis da côr da aurora.
A soberba Bintão, que não receia
As quinas affrontar que o Gange adora,
De Mascarenhas próva, em cru combate,
Golpe fatal que as furias lhe rebate.

XVI

Por armas, por saber, inclyto infante
Luiz, esmalta a fama á 'stirpe augusta:
Mancebo, humilha em Tunes o turbante,
Com Cesar, vencedor, na plaga adusta.
Embora á summa alteza o não levante
Politica invejosa, ou sorte injusta,
Não perde em que de um throno o fado o prive:
Mais claro que cem reis na historia vive.

XVII

Altivolante espirito, devassa
Da região etherea o campo immenso:
Do nosso globo a portentosa traça
Continuo estuda com ardor intenso:
Depois, mimoso da celeste graça,
Despreza gloria vã, profano incenso,
Castalia esquece e Urania e Dirce e as nymphas;
De Siloé só bebe as sacras lymphas.

XVIII

Longo tempo depois feliz memora
Nobre engenho, teus feitos singulares,
Castro, por cuja morte afflicto chora
Mais de um povo nos indicos palmares.
Tal no oriente qual na Libya outr'ora,
Dio vaes soccorrer, talhando os mares,
E dás libertador, vingado o filho,
Ao nome portuguez um novo brilho!

XIX

D'estes e outros heroes á ingente gloria
Dão realce afamados escriptores,
Inscrevendo no templo da memoria
De seu denodo os feitos e primores.
A gentil musa que preside á historia
Já conta em Lysia férvidos cultores:
Quem ha que a palma entre elles não conceda
Ao luso Livio, a Osorio, a Castanheda?

XX

Letras, sciencias, do supremo lume
Duplice facho, emanação celeste,
Povo que vos não préze em vão presume
O labéo evitar de inculto e agreste.
Tal o luso não é. Propicio nume,
Após marcios trophéus, quer que se apreste
Grecia e Lacio a emular nas nobres lides
Em que brilharam Tullio, Homero, Euclides.

XXI

Soltae na patria prospera e tranquilla,
Lusos vates, ao canto as doces vozes:
A nobre poesia o gosto instilla
Do *bello*, até nos animos ferozes.
O povo attento está: folga de ouvi-la
Deplorar casos lugubres e atrozes,
Plebeus baldões notar com vivas cores,
Cantar armas, heroes, o campo, as flores.

XXII

De Menandro rival, rival de Plauto,
Lustra Vicente a scena lusitana:
Com chiste sempre novo, em farça, em auto,
Em comedia, diverte e o tempo engana.
Todos patentes faz (talvez incauto)
Os escondrijos da malicia humana:
É delicia dos seus, de estranhos pasmo,
A regia côrte o diga, e o grande Erasmo.

XXIII

Bemquisto do monarcha, ao povo aceito,
Miranda, probo, culto, ingenuo e grave,
De Platão portuguez ganha o conceito,
Pela pura moral, dicção süave.
Os thesouros que encerra o sabio peito
Folga a todos abrir com aurea chave:
Sem que jamais do assumpto o tom desvaire,
Quanto escreve tem sal, siso e donaire.

XXIV

O Flacco portuguez, douto Ferreira,
O cothurno de Euripides calçando,
Sobre os palcos de Lysia a vez primeira
Chora de Ignez o caso miserando.
Segue de Moscho a flórida carreira
Bernardes, e descanta, em som mais brando,
Affectos de zagaes, folguedos, magoas,
E do seu Lima as crystallinas agoas.

XXV

Mil sonhos vãos de accesa phantasia
Conta Moraes, com phrase pura e tersa;
De paladins denodo e galhardia,
De nobres damas dita ou sorte adversa:
Com elle mais de um vate, noite e dia,
Em seu retiro, placido conversa,
E adorna, e esmalta assim, os seus poemas
Com galas mais louçãs, com finas gemmas.

XXVI

Eis já, fadado á negra desventura,
Cresce (Maro futuro) um nobre infante,
A quem doou munifica natura
Lyra sonora, tuba altisonante.
Mancebo, o claro engenho exerce, apura:
Não tardará que meigo e altivo cante
Nymphas, o Tejo, os pastoris cuidados,
E «As armas e os varões assignalados».

XXVII

Outros ao som da tuba, ao som da lyra,
Cantam armas, heroes, nymphas, pastores;
Conta infortunio atroz, ternura inspira,
Um de nossos mais inclytos cantores.
Quem lagrymas não verte ou não suspira,
Lendo da sorte os barbaros rigores,
De que, lustros depois, deixou memoria
Côrte Real na miseranda historia?

XXVIII

Desdita á vossa igual a nossa idade
Não viu, nem víra o seculo vetusto,
Sepulveda e Leonor, que a tempestade
Arremeçou da Libya ao solo adusto.
Dos cafres alvo á bruta feridade,
Após fadigas mil, continuo susto,
Vós co'a prole adorada emfim consome
O frio, a calma ardente, a sede e a fome!

XXIX

Nem só caso tão misero relata
Côrte Real em lugubres accentos:
A jubiloso canto a voz desata,
De esforço celebrando altos portentos:
D'este canto a materia, aos lusos grata,
Excita, inflamma nobres sentimentos;
São incentivo a marciaes primores
De Dio, ind'hoje, os bravos defensores.

XXX

No amor da fé catholica incendido,
O Terceiro João sempre forceja
Por conduzir o hereje, o impio descrido,
O judeu ao redil da madre igreja.
Mas o zêlo melhor, mal dirigido,
Aonde a mira põe nem sempre alveja.
Do tribunal que em Lysia então se erige
Mil excessos ao ler, quem não se afflige?

XXXI

Mas quem de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa,
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios gosa?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra alem mar guarda teus ossos:
Propicio acolhe ó santo os cultos nossos!

XXXII

Emquanto Xavier da fé divina
As luzes leva ás regiões da aurora,
João, virtude excelsa exerce e ensina,
Que mais exalta quem a Christo adora:
O prelado da igreja granadina,
Vendo quanto em seu zêlo se afervora,
João de Deus o acclama. Um tal cognome
Em brilho excede o mais augusto nome.

XXXIII

Varão de Deus consagra, a Deus aceito,
Gostoso, a seus irmãos fazenda e vida:
O fraternal amor que arde em seu peito
Contínua impõe-lhe trabalhosa lida.
Devem-lhe enfermos mil conforto, leito,
Cura, desvelos, hospital guarida;
D'elle e dos filhos seus e imitadores,
Gratos, tres povos cantam os louvores.

XXXIV

Ao Terceiro João morte immatura
Arrebata, cruel, o filho amado;
O principe João, que da ventura
Tinha os mimos té alí sempre logrado,
Morre dos annos na gentil verdura,
Qual tenra flor se a pisa o duro arado:
Do mancebo infeliz, flebil, canora
Lyra do luso Homero a perda chora.

XXXV

Sebastião succede em tenra infancia
Ao pio avô, que próvido confia
De Catharina ao zélo, á vigilancia,
O regio herdeiro e a inteira monarchia.
Com prudencia, vigor, siso e constancia
A princeza a governa, e os passos guia
Do neto que educar tem a seu cargo,
Té que larga, espontanea, o duplo encargo.

XXXVI

Cresce o menino rei sob a tutela
De seu augusto purpurado tio:
Tem apenas dois lustros, já revela
Altos instinctos de mavorcio brio.
Só pensa e sonha no que mais anhela —
Em guerrear o mouro e o vão gentio —
Reina, e nunca cedendo ao ocio ignavo,
Um defeito tem só — é nimio bravo.

XXXVII

Emquanto o pio heroe em verdes annos
Medita, incauto, a mais infausta empreza,
Athouguia entre os povos indianos
Sustenta, invicto, a gloria portugueza.
Em Chaul, Goa, Achem, doma os tyrannos,
Que em vão lhe oppõem ardis, força e braveza,
E em tudo successor se mostra dino
De Coutinho, Noronha e Constantino.

XXXVIII

De taes proezas mais e mais a fama
Ao lusitano rei no nobre peito
Do férvido desejo ateia a chamma
De obrar na Mauritania um grande feito:
Entre Moluco e Hamet odio se inflamma,
Que pretendem a um throno ambos direito:
Sebastião a maura inimicicia
Para a facção fatal julga propicia.

XXXIX

Com temerario ardor brandindo a lança,
Nos areaes da Libya encontra a morte:
Não lhe é dado vencer, mas nome alcança
De campeão da fé zeloso e forte.
Cortada assim em flor tanta esperança,
Chora o luso da patria a triste sorte,
Vendo, alem de chorar desar tamanho,
Impendente á cerviz um jugo estranho!

XL

Porém antes que em parte a lusa gloria,
Tão fulgida até li, fosse eclipsada,
Perdido o rei e a palma da victoria
De Alcacer na miserrima jornada,
Varões crédores de immortal memoria,
Não com fero arcabuz, fulminea espada,
Mas com armas do céu, travam peleja
Contra a turba rebelde á madre igreja.

XLI

Reina o Tercio João... Eis vão a Trento
De toda a grei christã sacros pastores,
A condemnar em santo ajuntamento,
Sob o pastor supremo, impios errores.
Todo o sabio concilio admira attento,
Entre os da fé mais claros defensores,
Os que, com nobre ardor, no fixo praso
Manda o povo fiel do extremo occaso.

XLII

Ide athletas da fé! Com auso infando
Que turba a doce paz, mil males gera,
De Luthero e Calvino o duplo bando
Da madre igreja as visceras lacera.
De vós serviço e auxilio memorando
A santa causa, a patria exige e espera:
Lá vos vejo affrontar do inferno a raiva,
Azambuja immortal, Foreiro e Paiva!

XLIII

Tu bracharense Martyres, se tanto
Não te revelas orador facundo,
Reformador austero, humilde e santo,
Brilhas não menos por saber profundo.
(Depois, largando o bago e o rico manto,
Vestido de cilicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho,
Em pobre claustro no teu caro Minho.)

XLIV

Estes a igreja escuta, estes venera,
Mestres da fé christã, da moral pura,
Quando em Trento erros mil fulmina austera,
Filhos do orgulho e heretica impostura.
Nem só seu vôo erguendo á mór esphera
Do divinal saber, se exerce e apura
O luso engenho então; por igual modo
Cultiva da sciencia o campo todo.

XLV

Do nobre Gama a empreza peregrina
É por Camões cantada em versos de oiro;
Das drogas do oriente á medicina
Horta revela incognito thesouro;
Nunes, de Urania alumno, alta doutrina
Dicta, c'roado de Apollineo louro;
Do franco povo a flor pende dos labios
Dos Gouveias, de Vaz, eximios sabios.

XLVI

A sulcar, Pinto ousado, te abalanças,
Em pinea fusta, pelagos remotos:
Ritos contas depois, poder e usanças
De povos e de reis, ao mundo ignotos.
Colhes mór fructo, Heitor, mais gloria alcanças,
Aos doutos caro e aos animos devotos,
Traçando em casta, flórida linguagem,
Da vida do christão a nobre imagem.

XLVII

Toma HENRIQUE de Lysia o regimento,
Rei após a catastrophe africana.
D'este monarcha o são merecimento
Dá lustre ao sceptro, e á purpura romana;
Mas vigor lhe fallece e fino tento
Que opponha á força e á fraude castelhana:
Frouxo governa, hesita e não decide
Da successão ao throno a grande lide.

XLVIII

Saboia, Hespanha, o Vaticano, a França,
Parma, a vãs pretensões chamam justiça,
Que uma tão rica, tão illustre herança
Accende em todos férvida cobiça.
Antonio, que da plebe o voto alcança,
Entra, audaz contendor, na dubia liça,
E intrepido accommette as hostes d'Alva;
Mas só fugindo, a custo, a vida salva.

XLIX

Sómente Catharina ao solio vago
Tem jus; porém sem força o jus que serve?
De seu negro porvir quasi presago,
O reino entre facções se agita e ferve:
Por evitar da guerra o horrendo estrago,
Dicta prudencia então que se reserve
Para sazão aos lusos mais benina
O brado em prol da estirpe Bragantina.

L

Não sobrevive á patria moribunda
O seu cantor sem par, o eximio vate,
A quem privada magoa, a mais profunda,
Nunca doma o vigor, a mente abate.
Á vida, em duros trances tão fecunda,
Desventura geral põe o remate.
Camões, da cara patria o fado corres:
Florece? Vives. Perde a gloria? Morres!

LI

Filho e treslado do hipponense antiste,
Thomé, no amor fraterno ardendo absorto,
Em Alcacer os seus exhorta, assiste,
Té que é preso, ferido e semimorto.
Depois medita e narra em prisão triste
(Que na aridez de acerbo desconforto
Infunde a graça mysticos orvalhos)
De Jesus as finezas e os trabalhos.

LII

O desditoso reino, afflicto, exhausto,
Contra estranho poder não tem defeza:
Com violencia, engano e altivo fausto
O ibero opprime a gente portugueza.
Doze lustros sujeita ao jugo infausto,
O lustre antigo, a prospera riqueza
Vae perdendo, e recebe em toda a parte
Insultos cem do batavo estandarte.

LIII

Não se ufane porém d'esses insultos
O batavo feroz, que o luso brio
Não soe ultrages taes deixar inultos,
Nem seu nobre furor será tardio.
Não jazem, não, inanimes, sepultos,
Com a perda do antigo poderio,
De Lysia os filhos todos. Eis Furtado,
Que só por muitos vale, em campo armado.

LIV

De Jafanapatão derrota, e mata
O soberboso rei, combate a liga
Do batavo e do mouro, e desbarata,
Malaca defendendo, a força imiga:
Vence Cunhales, barbaro pirata,
Que com supplicio extremo emfim castiga:
Terror de belgas, turcos, malabares
Morre o *grão capitão,* fendendo os mares.

LV

Tambem no campo equoreo o grão Botelho,
Mas pelejando, vencedor expira:
Hoste inimiga, bellico apparelho
Ao seu esforço nunca resistíra;
Em damno seu, por infernal conselho,
Com o gentio o batavo se uníra:
Todos vence. Do Jamba as feras ondas
Roubam a vida ao luso Epaminondas.

LVI

Tres Filippes em ordem successiva,
Contra a lei, dictam leis no reino luso:
Novas iras inflamma, odios aviva,
Do poder usurpado o fero abuso.
Lysia, outr'ora nação potente e altiva,
Geme ao ver-se sujeita ao mando intruso,
Qual o hebreu, quando exhala as ternas queixas
Na terra Assyria em lugubres endeixas.

LVII

Antonio, longe então do patrio solo,
Por conquistar o solio em vão forceja:
Qual piloto infeliz, toldado o polo,
Sem bussola, á ventura, erra e veleja.
Opprime estranho jugo á patria o collo:
Luctar que val em tão dispar peleja?
Fallece ao pretensor estranho auxilio;
Seus dias finda pobre em triste exilio.

LVIII

Arraes, brazão de Beja e do Carmelo,
Rico em sciencia humana e na divina,
Com attico sabor e estylo bello,
Dicta preceitos de moral doutrina.
Cortezão e pastor, culto e singelo,
Rodrigues toca a flauta campezina;
Mas seu fado não quer que aos astros suba,
E com applauso igual emboque a tuba.

LIX

Do Quinto Affonso, com primores d'arte,
As libycas facções canta Quevedo:
Narra os horrores do cruento Marte,
Pinta amenos jardins, tartareo enredo.
A sublime belleza iguala em parte
Dos cantores do Gama e de Godfredo:
Calliope lhe deu, meiga sorrindo,
O segundo logar no luso Pindo.

LX

Amarguras do triste captiveiro
Das letras a cultura em parte adoça:
Castro celebra o fundador primeiro
Da excelsa capital da patria nossa;
Do bom pastor o typo verdadeiro
(Raro haverá quem iguala-lo possa!)
Com estylo sem par, nobre e jocundo,
É por Sousa indicado á igreja e ao mundo.

LXI

Brito, Nunes, Brandão, Faria e Couto
Consagram todo á patria o claro engenho:
Folga o povo que os lê, torna-se afouto;
Em breve ha de mostra-lo em nobre empenho.
Narra Lucena pio, ameno e douto,
Feliz do assumpto seu no desempenho,
De Xavier a santa e longa lida,
O zêlo heroico, a portentosa vida.

LXII

Mais minaz cada vez e mais medonho
Se mostra em Lysia o turbido horisonte:
Eis de repente amostra o sol risonho,
Dissipado o negrume, a léda fronte.
Qual quem desperta de terrivel sonho
Em que vira o Cocyto, o Phlegetonte,
Ou tetra imagem do infernal verdugo,
O luso vê quebrado o ferreo jugo.

CANTO IV

I

«Viva o Quarto João, do throno herdeiro»
Troço de heroes em Ulysseia brada;
«Viva João» repete o reino inteiro;
Subito exulta a patria restaurada.
Contra o risco de novo captiveiro
É segura fiança a lusa espada:
O novo rei, com salutar conselho,
Rapido apresta o bellico apparelho.

II

Com varonil esforço esforça á lide
A esposa de João os lusos peitos:
Elle, antes vacillante, emfim decide
Vindicar pela força os seus direitos.
O libertado povo, a quem preside,
Caudilhos assoberba á guerra afeitos,
E no mavorcio jogo, ao mundo todo
Dá provas mil de indomito denodo.

III

Dos feitos com que então se immortaliza
O varão luso em perennal memoria,
De Gusmão cabe á inclyta Luiza
Não pequeno quinhão na immensa gloria.
Vilhena assim não menos se abaliza,
Nem menos brilha, e brilhará na historia:
Os filhos arma, e os vê, tranquilla e forte,
Da patria em defensão correr á morte.

IV

Tambem, sem medo de final desastre,
Em tão riscoso trance, á prole sua
Conselho dá magnanima Lencastre
Que mais e mais alento ao peito influa.
De ambas com verde louro a fronte ennastre
A fama que altos feitos perpetúa
De heroinas (opprobrio aos varões fracos!)
Quaes Thomyris, Zenobia e a mãe dos Gracchos.

V

A mais de um dos seus reis ergueu, fôrçado,
Assombrosos padrões o povo egypcio:
A cuja vista hum animo assisado
Da vaidade sem par deplora o vicio:
Uso digno porém de ser louvado,
De nobres corações, seguro indicio,
Viu-se em Memphis reinar, e n'outras partes
Da illustre região, berço das artes.

VI

Aos mais dignos varões, com terno affecto,
Sagrava, após o infausto passamento,
Saudosa a prole, sob o proprio tecto,
Pyramidal singelo monumento.
Lusos, netos de heroes, quanto discreto
Fôra em parte imitar tal pensamento,
E ante os olhos ter sempre, em bronze, ou telas,
A imagem dos avós e as acções bellas!

VII

Com letras de oiro em marmore gravadas,
Em luso pantheon, ler inda espero
Vossos nomes, varões assignalados,
Por quem a patria quebra o jugo ibero;
E os dos outros heroes abalizados
Por quem na paz, no marcio jogo fero,
Brilhar a vejo, ufano em doce arrobo,
Nas cinco partes do terrestre globo!

VIII

Mas emquanto esse alcaçar erigido
Não é por Lysia aos seus libertadores,
Por tal denodo o galardão devido
Paguem-lhes vates, paguem-lhes pintores.
Eu, a quem, d'arte e engenho desprovido,
Fallecem estro, voz, pinceis e cores,
Deixando á nobre empreza aberto o campo,
Seis nomes sós, aqui, singelo estampo.

IX

Ribeiro, Cunha, Almeida honrae meu canto,
E vós Mendonça, Mello e Antão d'Almada,
Por quem a patria enxuga o triste pranto,
De tão longo infortunio libertada.
Por vós seis que ligou vinculo santo,
A façanha immortal fôra traçada;
Quarenta a preparaes, dignos magnates
Que Almada ajunta, e afouta em seus penates.

X

E não deve sómente ao gladio, á lança,
Á plumbea pella a patria o seu resgate:
Em prol d'ella e da estirpe de Bragança,
Quem o plano traçou, quem deu rebate?
Ribeiro gloria igual á gloria alcança
De heroe que vence em marcial combate;
Qual tu tambem, que outr'ora o jus denegas
A Beatriz em Lysia, ó nobre Aregas.

XI

Prestam tambem serviço ao rei nativo
Do Demosthenes luso a voz e a penna,
Indaque, com ardor não menos vivo,
Luta Vieira em mais sagrada arena.
(Nos dois mundos, de Deus ministro activo,
Com dicção pura, grave, ornada, amena,
Encanta, ensina e move o sabio e o rude,
Fulmina o vicio, exalta a sã virtude.)

XII

Suffocar tenta Hespanha o altivo brado,
E move embalde innumeras cohortes;
Prestes vê seu proposito frustrado,
Na lide horrenda com varões tão fortes:
Nem só defende o luso o solo amado,
No do inimigo espalha estragos, mortes;
Que é digno de ser livre ao mundo amostra,
E as forças do oppressor opprime e prostra.

XIII

Galliza o diga, por Coutinho entrada
(Armem-se embora os feros moradores),
Diga-o Valverde, subito assaltada
Por Mello, digno de immortaes louvores.
De mais de um Mello a fulminante espada
Repelle então e humilha os invasores,
E preserva de incendios e ruinas
Os lusitanos muros e campinas.

XIV

De Montijo na horrisona batalha
Contraria sorte os nossos atropella:
Tomados os canhões, terror espalha
No luso campo a gente de Castella:
Mas subito Albuquerque o damno atalha,
E os mais fortes armigeros debella:
As hostes a quem já fortuna é falsa
Costa com elle ataca e vence e encalça.

XV

Emquanto o reino á furia castelhana,
Nunca vencido, impavido resiste,
Das victorias da gente lusitana,
Tremendo, altiva Hollanda, a fama ouviste.
Empolgáras na terra americana,
Em sazão para o luso infausta e triste,
Rica preza, ó Nassau; tu, Sigismundo,
A largarás, volvendo ao velho mundo.

XVI

Do novo luso mundo a illustre prole,
Com a prole de Lysia em santa liga,
Do bátavo poder affronta a mole,
Ambas iguaes na bellica fadiga.
«Nas torres do Brazil não mais tremole
Bandeira estranha e acerrima inimiga:
Tão nobre terra a Deus e a nós pertence;»
Barreto exclama e pugna, assalta e vence.

XVII

Pugna em duros recontros repetidos,
Nem só ganha laureis de esteril gloria;
Sem temer do leão feros bramidos,
Lhe arranca a presa co'a final victoria.
Socios na grande empreza esclarecidos,
Vós, Vieira e Vidal, na lusa historia
Tereis de encomios fulgida corôa,
E Camarão comvosco e Figueirôa.

XVIII

Nem tão só no Brazil, das santas quinas
Novamente o pendão, feliz, tremola;
Fim põe o luso ás bátavas rapinas,
E em nova luta brilha, e se acrysola.
A cerviz, rei do Congo, humilde inclinas;
E tu, livre do belga, ardente Angola,
De Salvador Correia as leis recebes,
E a celeste doutrina, ávida, bebes.

XIX

Alvo do anglo furor, á foz do Tejo
Vem dois moços reaes buscar abrigo;
Para a presa que anhela, armar-se vejo
Bando dos reis acerrimo inimigo:
João lhe frustra o barbaro desejo,
E a Mauricio e a Roberto, em tal perigo,
Contra os insultos da facção sanhuda
Seguro asylo dando, os guarda e escuda.

XX

De goivos e jasmins, lirios e louros,
Um tumulo juncar quizera agora:
N'um principe accumula os seus thesouros
O céu, mas cedo a patria o perde e chora.
O ausonio cisne, em versos vividouros,
De Marcello o agro fim carpíra outr'ora;
Theodosio iguaes merece encomios, pranto:
Luso vate lhe sagre um doce canto!

XXI

É do Quarto João sob os auspicios
Feliz na guerra a gente portugueza:
Tem Scipiões, tem Fabios, tem Fabricios,
Feros cabos no ataque e na defeza;
Dá-se tambem a nobres exercicios,
Bem estranhos á bellica fereza:
Terror a rouca tuba não lhe infunde,
E o saber cresce em Lysia e se diffunde.

XXII

Mello, escriptor facundo e douto e arguto,
Em prosa e em verso instrue, diverte e exhorta,
Do templo da moral, com gloria e fructo,
Mostrando a senda, descerrando a porta:
Em mais de um lance de tristeza e lucto,
Com brando eloquio miseros conforta,
E a ditosos, do fado entre as caricias,
Augmenta, apura os gosos, as delicias.

XXIII

Na concisão, em Crispo tão louvada,
Pondo Freire de Andrade, attento, a mira,
Retrata o nobre Castro; instrue, agrada,
Sentimentos magnanimos inspira.
Ao epico laurel, depondo a espada,
Sá de Menezes fortunoso aspira:
Celebra heroe sem par, que ardido ataca,
E expugna a rica, próspera Malaca.

XXIV

Ao rei *restaurador* um rei succede
De fraco coração, de mente inerte,
Que em juvenis prazeres se desmede,
Sem que o marcio clarim seu brio esperte.
Mais vigoroso chefe a patria pede,
Que em torna-la feliz medite e acerte;
Deposto o Sexto Affonso, da desgraça,
No exilio ou preso, esgota a plena taça.

XXV

Mas emquanto, inda em placido remanso,
Rei, por outrem regido, em Lysia impera,
Não se entorpece o luso em vil descanso,
Nem do valor os impetos modera.
Com estupendo arrojo, em mais de um lanço,
Arrosta, rende e doma a furia ibera:
Vossos nomes no Pindo aos astros suba,
Magnanimos varões, sonora tuba!

XXVI

Sim, só do cisne ismenio a voz canora
Devêra, ou tuba altisona meonia,
Os heroes celebrar que ostenta agora
Lysia, a par dos da Grecia e antiga Ausonia;
Mas rouca seja minha voz embora,
Nem meus labios banhasse a lympha aonia,
Pregôe ao menos de valor modelos
Jacques, Sancho, Menezes, Vasconcellos.

XXVII

Elvas, Ameixial, Castel-Rodrigo,
Theatro illustre sois de nobres feitos;
Regio heroe entra em Lysia, e, fero imigo,
Bravos soldados manda á guerra afeitos,
Avança, Evora toma, e diz comsigo:
«Eis domados emfim os lusos peitos.»
Mas colhe d'esse ardor fructos amaros,
E Caracena iguaes em Montes Claros.

XXVIII

Sancho aos fataes progressos do primeiro,
Que Lisboa ameaça furibundo,
Pondo, ditoso, o termo derradeiro,
No desalento o lança mais profundo:
Menezes, sempre heroe, de heroes herdeiro,
Rebate a vã jactancia do segundo,
Como a de Haro, sem susto e sem demora,
Nas linhas d'Elvas rebatêra outr'ora.

XXIX

Em Castello Rodrigo igual fortuna,
Com gloria igual, os nossos acompanha:
Tropas embora intrepidas reuna
O magnate maior de toda Hespanha.
Ao seu rei promettêra o nobre Ossuna
Trophéus, despojos, inclyta façanha...
Promessas vãs! Ardis, feros, ataques,
Vencedor, tudo frustra o eximio Jacques.

XXX

Nestor no tento, Ajace na bravura,
Tambem mil planos frustra ao castelhano
Vasconcellos, que prospera ventura
Traz do Brazil ao solo transtagano.
Defeza ao rei e aos seus sempre segura,
Aos contrarios desdouro e immenso damno,
Muito o seu siso faz, muito o seu braço,
Qual o guerreiro, heroe do grande Tasso.

XXXI

Tributar aqui deve a um estrangeiro
A nossa gratidão encomio justo—
A Schomberg, que do iberico fronteiro
Foi, comnosco lutando, açoute e susto.
Deveu-se em mais de um risco a tal guerreiro
Defensão ou victoria a menos custo:
Foram com este Iphicrates felizes
Sempre os lusos pendões e os aureos lizes.

XXXII

Honra e lustre immortal ao varão forte,
Que, seu rei defendendo e os patrios lares,
Com sereno semblante affronta a morte,
Que tanto assusta os animos vulgares;
Honra igual a quem tem por fixo norte,
Das discordias civis nos turvos mares,
A lealdade só, e em risco summo
Nem revela temor, nem torce o rumo!

XXXIII

Perdido o throno, a esposa, a liberdade,
Geme em total olvido o rei deposto:
Torpe infracção dos fóros da amisade
De Affonso aggrava o triplice desgosto:
Só á que julga intrusa potestade
Não inclina a cerviz, mudando o rosto.
Nem o affecto leal no exilio esconde
De Castello Melhor o eximio conde!

XXXIV

Pedro Segundo á luta gloriosa
Põe termo em pról da causa lusitana,
Quando Castella, em armas desditosa
Por lustros cinco, emfim se desengana.
Então da paz o luso os fructos gosa,
Té que d'Austria em favor, na lide hispana,
Não se esquivando ás bellicas fadigas,
De novo affronta as hostes inimigas.

XXXV

Mas antes que na Hesperia desparzisse
Civil discordia seu lethal veneno,
E que de sangue, impavido, tingisse
O gall'hispano o hispanico terreno,
Dispoz o céu que Pedro compellisse
Em Ceuta e Orão á fuga o sarraceno,
Ajudando a evitar desaire e damno
O luso rei ao rei do povo hispano.

XXXVI

Hispana gente, entre as nações do mundo
Qual outra é mais que tu valente e clara?
Combatendo, ou sulcando o mar profundo,
Qual mais firme o perigo e a morte encara?
Ganhada, após conflicto furibundo,
Nobre conquista, a liberdade cara,
Em ti vê Lysia um povo irmão e amigo:
Salve, e feliz conserva o lustre antigo!

XXXVII

Não só de Pedro ao flórido reinado
Dão lustre a paz e as bellicas proezas:
Da milicia de Christo heroe soldado,
Brito o decora por christãs emprezas.
Mil e mil d'este luso ouvindo o brado,
Que seus erros condemna e vis torpezas,
No vasto Madurey se vão curvando
Da lei do santo amor ao jugo brando.

XXXVIII

Da boa nova arauto, immanas terras,
Prégando, illustra o luso peregrino:
Sulca o mar, brenhas rompe, atrepa serras,
Dá-lhe forças e esforço o amor divino.
Brito, por Deus, da patria te desterras,
Tens na patria celeste o premio dino:
Se fero algoz pagão te arranca a vida,
Lá tens no empyreo a palma merecida!

XXXIX

Emquanto em plaga inhospita indiana
O martyr finda a terreal carreira,
Quental, no patrio solo, a senda aplana,
Que, recta, leva á patria verdadeira!
A vencer das paixões na lucta insana,
Com zêlo ensina e placida maneira,
Sem que á lei mingue a força, e o mundo adule,
Digno filho de Neri e de Berulle.

XL

D'estes santos varões mystica prole,
Pio e douto varão, co'a voz, co'a penna,
Faz que do vicio o mau se desatole,
Procellas d'alma vezes mil serena:
Quer que tudo o christão á posse immole
Da eterna dita com que o ceu lhe acena;
Aos ignaros dá luz; tibios, cobardes,
Inflamma, anima, ascetico Bernardes.

XLI

Asceta, e pae de rigidos ascetas,
Chagas se lhe avantaja em zêlo santo:
Todas de Satanaz desponta as settas,
Christão guerreiro sob humilde manto:
Com efficaz unção, rasões discretas,
Arranca ao peccador sincero pranto;
E ainda, solto da prisão terrestre,
É hoje de christãos conforto e mestre.

XLII

Ganham então, no seculo, os Menezes,
Luiz, Fernando, immorredoura fama;
Promptos vestindo os bellicos arnezes,
Quando marcia trombeta á lide os chama:
Depois, nos nobres peitos portuguezes,
Quando a paz entre nós seus dons derrama
Com o incentivo de verace historia,
Mais e mais avivando o amor da gloria.

XLIII

Merito igual nas letras abalisa
Dois Macedos, um Sousa, outro Ribeiro:
Poeta e prosador, se immortalisa
Por nobre estylo altivolo o primeiro:
Com phrase menos alta, e mais concisa,
O segundo, estadista, e conselheiro,
Ensina sã moral, e a de Aristippo
Se ufana de impugnar, luso Chrysippo.

XLIV

De erudição rarissimo portento,
Outro illustre Macedo o mundo espanta;
Mas saber arrogante é fumo, é vento,
Que inutil sobe ao ar, que pó levanta:
Aos posteros não lega um monumento
Que digno haja de ser de gloria tanta:
De tanto engenho, estudo, e altivos ausos,
Apenas colhe ephemeros applausos.

CANTO V

I

Em successos fecundo, abrir-se vemos
Novo seculo agora. A gente lusa
Raros n'elle fará de esforço extremos,
Dignos dos altos sons d'epica musa:
Mas se altiva não sobe aos graus supremos
De heroismo, que esplendido reluza,
Da que herdou dos avós gloria distincta
Ao menos os brazões nunca despinta.

II

Eis o Quinto João o sceptro empunha,
Que na pompa e 'splendor do culto santo,
Salomão portuguez, seu timbre punha,
Digno de fama eterna em doce canto.
Com pasmo a Europa vê (pois não suppunha,
Que um lusitano rei podesse tanto)
Os que elle erige excelsos monumentos,
Quasi iguaes aos de Roma altos portentos.

III

Em Mafra, á sua voz, erguida vejo
(Cenobio, alcaçar, templo) immensa mole,
Quando o céu cumpre um férvido desejo,
E adita o reino, e o rei, com regia prole.
Eis á rainha do sereno Tejo,
Porque secca infeliz não a desole,
Lá vem, do seio dos visinhos montes,
Torrente d'agua alimentar as fontes.

IV

A Carlos, pretensor do solio ibero,
João auxilio dá com sorte varia;
Sempre leal, munifico, e sincero,
Inda quando fortuna acha contraria:
E quando, no mar Jonio, o turco féro
Move á gente christã guerra nefaria,
Ao barbaro infiel não dando corro,
Manda a Corfú promptissimo soccorro

V

Do Tejo eis sae ufana a lusa armada:
Em linha de batalha ei-la disposta:
De grossos galeões ei-la cercada:
De todos sem temor a furia arrosta.
A musulmana frota, destroçada,
Demanda em fuga a pelopeia costa:
A Italia canta assim, deposto o medo,
Fausto epinicio, em festival folguedo.

VI

Tambem por outros próvidos cuidados
João tem jus a posthuma memoria:
Sabios varões, por elle convidados,
Dão nova luz á lusitana historia:
Assim Leitão, Argote, e tres Machados,
Para si, para o rei grangeiam gloria,
Que são em casos mil os seus escriptos
Segura guia aos lusos eruditos.

VII

Oito lustros attalicos thesouros
O magnanimo rei logra ditoso,
Mais que trophéus prezando, e marcios louro
D'aurea paz o remanso deleitoso.
Não tão só para si — para os vindouros
Reis da lusa nação — titulo honroso
Ganha, que entre os christãos seu zêlo abona
Pela fé, de que férvido blazona.

VIII

Sobe José Primeiro ao throno augusto:
Mil abusos reforma em tempo breve:
Do terremoto horrendo o damno, o susto,
Providente restaura, e faz mais leve.
Á escolha d'este rei, sagaz e justo
Estimador do merito, se deve
Ministro sem igual; mas cujos fastos
Dias recordam lugubres nefastos.

IX

Ao crebro abalo da terrestre mole,
Lisboa rue, com horrido estampido;
Inunda o Tejo, e procelloso engole
Victimas cento o pégo embravecido;
Outras devora o fogo: á lusa prole
Nunca o céu se mostrou tão desabrido,
Nem brandiu contra Assur mais aguçada
O anjo da morte a fulminante espada.

X

Carvalho, em tão atroz calamidade,
Titulos ganha á mais fulgente gloria,
Por valor, zêlo, siso, actividade,
Raros na antiga e na moderna historia.
Do immenso beneficio a grão cidade
Grata conserva e perennal memoria,
E da nobre Ulysseia, a voz da fama
Segundo fundador, com jus, o acclama.

XI

Nocturno assalto a vida preciosa
Do rei põe em perigo. Ao céu propicio
Que a preserva, agradece, jubilosa,
A gente lusa o grande beneficio:
Mas haverá quem possa, em verso ou prosa,
Contar dos réus o barbaro supplicio,
Sem que se encha de horror, sem que se enoje?
De o recordar meu animo refoge!

XII

Mil campeões, nos inclytos certames
Sempre esforçados da christã milicia,
Proscriptos vejo: cumplices infames
Serão em trama de infernal malicia?
Grande Carvalho, embora ao mundo clames,
Que foram réus então de atroz nequicia;
Antes que affirme tal, de alento á mingua,
Fique em silencio eterno a minha lingua.

XIII

Qual passageira nuvem carregada,
Que ao sol encobre o luminoso disco,
Presto desfaz-se (em chuva desatada)
Após crebro trovão, raio e corisco;
Tal em Lysia, onde reina a paz dourada,
Apenas se presente o grave risco,
Ouve-se ao norte o som da marcia tromba,
Trovão de guerra subito rebomba.

XIV

Pombal consegue, em tanto sobresalto,
Que ao mór damno o reparo se antecipe;
Ao luso reino, de caudilhos falto,
Chama estranho caudilho, o nobre Lippe:
Não ousa Iberia o decisivo assalto,
Que em breve os sonhos seus talvez dissipe...
Pois Lysia á força hostil oppõe, segura,
Força, conselho e indomita bravura.

XV

Carvalho em breve espaço assim repelle
Fera invasão do hispano poderio:
Quem ha que por manter mais lide e vele
Illeso, e pleno, o patrio senhorio?
Que no seio da paz mais vingue e zele
O commum interesse, o luso brio;
Sem que do anglo poder o dome, ou torça,
O prepotente orgulho, e a enorme força?

XVI

O ocio inerte e vil banir procura,
Luso Colbert, da terra portugueza;
Que não sómente a marcial bravura
Dos reinos firma a solida grandeza.
Honra o commercio, a industria, a agricultura,
Fontes caudaes da publica riqueza,
E quer que com ardor, por varios modos,
Para a dita geral concorram todos.

XVII

Ao Ilisso, ao Asopo, ao Tibre, ao Sena,
Pouco já tem que inveje o Tejo e o Douro:
Sopra ás letras, em Lysia, aura serena,
Doutas frontes adorna o verde louro.
Dás a louca ambição condigna pena,
Cantas heroes, ao som da lyra de ouro,
De Pindaro rival no estro divino,
E de Boileau na graça, ó grande Elpino.

XVIII

De doce eloquio, aos astros remontado,
Devolve Elpino rapida torrente;
Garção, doce cantor, mais repousado,
Commove os corações, illustra a mente.
Ao rio ameno que fecunda o prado,
Murmurando com placida corrente
(Qual não longe da fonte o Tigre ou o Nilo)
D'este vate semelha o nobre estylo.

XIX

Da lusa gente a flor não só dedica
Fervente culto ás mais gentis Camenas;
Ás graves disciplinas não se applica
Com menos vivo ardor do que ás amenas.
Em todo o bom saber se ostenta rica,
De mui longo torpor saída apenas:
Nas margens do Mondego a ensina, e adestra,
Sophia, em douta e esplendida palestra.

XX

Quebrado o jugo da vetusta escola,
A mente exerce a innata actividade,
Nem do proprio saber tem por bitola
Saber alheio, humana auctoridade:
Mil sonhos vãos do Peripáto immola
Ao santo amor da candida verdade,
E tenta, quanto é dado a engenho humano,
Penetrar da natura o eterno arcano.

XXI

De artificio Dedaleo um Phidias luso
A Lysia lega em bronze um monumento:
Suppre engenho inventivo a mingoa de uso,
Obram Costa e Machado alto portento.
Ministro de uma monarca em dons profuso
Se ás letras dás, Pombal, fecundo alento,
Em proteger não menos te desvelas,
Os misteres fabris, e as artes bellas.

XXII

Estirpe varonil ao regio thoro,
Surdo a preces, o céu negado tinha:
Maria reina; a fama em som canoro
Publica os dotes da immortal rainha.
Mantem do throno o rigido decoro,
Santo zêlo seus passos encaminha,
E cauta poupa, em tempos aziagos,
Ao solo patrio os bellicos estragos.

XXIII

Mas aos pactos fiel, luzido envia
Auxilio contra o gallo ao rei da Iberia;
Sempre constante, a lusa valentia
Dá dos vates ao canto ampla materia.
Os Pyrenéus em marcia galhardia
Véem a prole brilhar da nobre Hesperia;
Porém na fera lide (Hespanha o sabe)
O mor quinhão de gloria aos lusos cabe.

XXIV

Maria outorga ás letras, á sciencia,
Em proveito commum, favor, amparo;
E deixa de real munificencia
Mais de um padrão aos posteros preclaro.
Eis Lafões, pondo termo a longa ausencia,
Á patria volve e, douto e ás musas caro,
Sob auspicio real ('stimulo e premio)
Os sabios honra, e ajunta em nobre gremio.

XXV

Converte Almeida asperrima vereda,
Que ao templo da sciencia conduzia,
Em ameno jardim, e desenreda
De tricas mil a sã philosophia:
Tão pio como Anselmo, Alcuino e Beda,
É no humano saber mais sabio guia.
Pena, que insigne por tão nobres partes,
Nimio culto rendesse ao seu Descartes!

XXVI

A soberana, próvida, dirige
Ao porto da ventura a nau do estado;
Ao culto divinal templos erige:
Prodiga aos pobres maternal cuidado:
Porém golpe cruel seu peito afflige...
Perde Pedro piedoso, o esposo amado,
De virtudes christãs modelo egregio,
Que a seu lado occupava o solio regio.

XXVII

Perde a José tambem, que em verde idade
Aos lusos dando altissima esperança,
Deixa a todos de si justa saudade,
E ind'hoje vive na geral lembrança.
Assim reserva a Eterna Potestade
Ao infante João a regia herança;
A João, que do reino unido e inteiro
Veiu a ser o monarcha derradeiro.

XXVIII

A Maria saudosa um morbo lento
A mente abate e as forças lhe quebranta;
João por ella ao leme acode attento,
Na procella cruel que se alevanta.
Do heroe da Gallia ao bellico ardimento
Oppõe tanto vigor, prudencia tanta,
Que se frustram ardis, planos astutos,
E da paz logra Lysia os doces fructos

XXIX

Paz que, unindo-se ao gallo o rei hispano,
Com subita aggressão turbada fôra
Pelo feliz Godoy, que ostenta, ufano,
Titulo opposto á guerra assoladora.
Mas finda a luta (com não leve damno)
Lysia respira, e, mera espectadora,
Vê gyrar da fortuna a varia roda,
E quasi ardendo em guerra a Europa toda.

XXX

Mais de um douto escriptor, em varios ramos,
Ostenta engenho e porfiado estudo:
Acode a mocidade aos seus reclamos,
E ceifa palmas no apollineo ludo.
D'alta sciencia que o varão de Samos,
Em tudo grande, preferíra a tudo,
Cunha penetra os aditos, e d'ella
Toda a doutrina, lucido, revela.

XXXI

Solta um vate blandiloco, entretanto,
Com mimo tal harmonicos concentos,
Que, como Lino e Orpheo, por mago encanto,
Magoas adoça, enleva os pensamentos.
Delille, no primor de um doce canto,
E na expressão de brandos sentimentos,
Não ouse presumir que se avantage
Ao luso Ovidio, ao inclyto Bocage.

XXXII

Aos mais nobres laureis propõe Gonzaga
De myrto e rosas vívida capella:
A teia lyra herdou tão doce e maga,
Mas assumpto cantou mais digno d'ella:
Nunca a torpes paixões tributo paga
A musa de Dirceu pudica e bella:
Aos do cantor de Laura iguaes estimo
Seus carmes, em frescor, ternura e mimo.

XXXIII

Longe da patria, á patria, de contino,
Filinto os olhos volve, e em seu proveito
Do nobre engenho emprega o dom divino,
No santo amor da patria acceso o peito.
É de sublime arrojo, em mais de um hymno,
Qual Testi, ou qual Lebrun, typo perfeito:
Ou narre, ou pinte, ou louve, ou vitupere,
Ninguem levar-lhe a palma, ardido, espere.

XXXIV

Uns emulam na lyra, outros na avena,
O vate de Venusa, o vate andino;
Rindo verbéra, sem calcar a scena,
Vicios do ignaro vulgo o Tolentino.
Não maldiz, não troveja: em phrase amena,
Dá lições que tempera o sal mais fino:
No tom cortez, na festival facecia,
Poucos tem que lhe opponha a sabia Grecia.

XXXV

Ufano, em mais de um genero campeia
Macedo, prégador, critico, e vate:
(Menos furor mostrasse, e menos veia
Quando co'a penna os emulos combate!)
Bem que a si proprio damne, e alheia inveja
Com desfavor seus meritos quilate,
Escriptor (Mordaz zoilo a furia abrande)
Fecundissimo foi, foi douto, e grande.

XXXVI

No reino, ao mesmo tempo, a industria activa
Favorecida, mais e mais se apura:
Entre os jovens, do estudo o ardor se aviva,
Cresce a riqueza, e a publica ventura.
As letras Araujo ama, e cultiva,
Sousa as protege, e com ardor procura
Que, a exemplo de Albion, Germania, e Gallia,
N'ellas Lysia não ceda á Grecia, á Italia.

XXXVII

Dita flórida sim, mas dita breve! -
Subito o gallo invade a lusa terra,
Porque céga ambição contente e ceve,
Embora á custa de aleivosa guerra.
João, que a tanto risco expor não deve
A prole, e a genitriz, eis se desterra,
Asylo vae buscar n'outro hemispherio,
E as bases lança de futuro imperio.

XXXVIII

Da Santa Cruz no solo assenta o throno:
Sobe o Brazil illustre a mór alteza:
Esclarecido principe, e patrono,
D'elle promove a solida grandeza.
Ao corso não valêra astùcia, entono;
Colher não pôde a cubiçada preza:
Raivoso freme, e, com ferina sanha,
O reino assola em triplice campanha.

XXXIX

Não desmaias, ó luso, em tanto aperto,
Nem ao jugo odioso o collo inclinas:
Com valor singular, com sabio acerto,
A respeitar teu solo o gallo ensinas.
Com Albion n'um intimo concerto,
Dás nobre exemplo ás gentes iberinas:
Em vão para domar-te, eis vem do Sena,
Derrotado Junot, Soult e Massena.

XL

Depois que, defendendo a grão Lisboa,
Do vencedor d'Esling o fasto abates,
Desde as margens do Tejo ao Bidassoa,
Sustentas, bravo, innumeros combates.
Sempre que o cavo bronze horrendo troa,
A furia franca intrepido rebates:
Burgos só te constrange, altiva e forte,
A provar o rigor de iniqua sorte.

XLI

Mas, prospera de novo e então constante,
Torna fortuna a militar comtigo:
O gallo encalças com feroz semblante,
Buscando os lances de maior perigo.
Marchas, sempre lutando, e sempre ávante,
Ajudando a livrar o solo amigo:
De ignivomos canhões estrondo crebro
Leva longe o terror ás margens do Ebro.

XLII

Em Victoria, após luta porfiada,
Prodigios de valor, cedem vencidas
Em campal, celeberrima, jornada,
De Bonaparte as tropas aguerridas.
Na Gallia, assim que Hespanha é libertada,
Entram as hostes das nações unidas:
Em vão se tenta á triumphal carreira
Nos Pyrenéus, no Nive oppor barreira.

XLIII

Rompe toda a barreira em breve espaço
O vencedor exercito: renova
Cada dia a peleja: abrem-lhe o passo
Tenaz denodo e feitos de alta prova.
Em Orthez se assignala o luso braço;
Os Bourbons alvoroça alegre nova:
Já tremola em Bordéus, com fausto agouro,
O candido pendão dos lizes de ouro.

XLIV

Agradeça Luiz, inda exilado,
Aos anglo-lusos o felice evento;
Que á sua causa foi por elles dado
Nas margens do Garonna, impulso e alento:
Mas inda estava aos lusos reservado
Um novo esforço, um novo vencimento:
A bandeira das quinas gloriosa
Eis ondeia nos campos de Tolosa.

XLV

Soult, o bravo caudilho, embalde emprega
Os recursos do genio, os da bravura:
De Bonaparte á causa o céu denega
Todo o favor e pristina ventura.
Em troco de um imperio, a Europa entrega
Ao grande heroe vencido (altiva e dura
Depois que da ambição lhe açaima a furia)
Um quasi ignoto ilhéu no mar da Etruria.

XLVI

Após tanta fadiga, acções tão bellas,
Volvei, ao som d'applausos e cantares,
C'roados de immortaes laureas capellas,
Dignos filhos da patria, aos patrios lares!
Ella em carmes procure, em bronze, em télas,
Dar brilho eterno aos feitos singulares,
Com que igualado haveis nas lides feras
O luso alto valor de antigas eras.

XLVII

Mas não permitta o céu que a lusa gente
Tanto por patrio amor se offusque e cegue,
Que á inclyta Albion, feliz, potente,
De justa gratidão tributo negue!
Louvor ao capitão sabio e valente,
Sob o qual tanta gloria assim consegue!
Louvor ao grande heroe —terror do corso—
Prodigio de conselho e marcio esforço!

XLVIII

De Beresford o nome aos lusos care
Ha de sempre soar: inda hoje ensina
Do caudilho britanno o exemplo raro
Em Portugal a marcia disciplina.
Wellington immortal desluz preclaro
A prisca fama hellenica e latina,
Deixando unida, em perennal memoria,
Á gloria d'Albion a lusa gloria!

XLIX

Igual quinhão na gloria então ganhada,
Nas marcias lides, cabe á nobre Hespanha:
Com enorme poder embora a invada
O gallo; embora empregue esforço e manha:
Ao ver como, na luta porfiada,
Ella, intrepida, arrosta a furia estranha,
E não curva a cerviz, se alenta e folga
Mais de um povo e de um rei do Tejo ao Volga.

L

Qual fôra mãe de heroes na idade antiga,
Mãe se ostenta de heroes na nossa idade,
Quando a malicia perfida castiga,
Que lhe roubára o rei e a liberdade.
Do continuo pugnar não se fatiga,
Á viuvez, á misera orphandade,
Paes e esposos vingando, o pranto enxuga,
Ás aguias susta o vôo, e as põe em fuga.

LI

Nas margens do Danubio eis se convoca,
Regulador da paz, congresso augusto:
Reinos divide, tira, entrega ou troca,
Oppostas pretensões compõe a custo.
Mais de um queixoso clama, o jus invoca,
E accusa o tribunal de pouco justo;
Mas ao menos logar não se recusa
Entre as grandes nações á nação lusa.

LII

Erguem da patria em prol n'esta assembleia,
Tres ministros de Lysia a voz facunda:
Tal o luso na paz brilha e campeia,
Qual brilhára na guerra furibunda.
Déra a dois d'esses tres berço Ulysseia,
Em illustres varões sempre fecunda;
Deu sepultura a dois—Saldanha e Sousa—
Cobre os restos de Lobo estranha lousa.

LIII

Cinge o SEXTO JOÃO do imperio avito,
Morta MARIA, a triplice corôa,
Quando, após o geral, feroz conflicto,
Os canticos da paz a Europa entoa:
Mas não regressa ao Tejo o luso Tito,
E nas margens do Douro um brado soa,
Que novas leis proclama, e, altivo e ovante,
Retumba alem do mar do mauro Atlante.

LIV

O universal clamor, benigno, escuta
O desejado rei, e á patria volve;
Mas o horisonte mais e mais se enluta,
Erinnys sacros vinculos dissolve.
Vejo irmãos contra irmãos, que em fera luta
Civil discordia miseros envolve!
Persegue o luso ao luso a fogo e ferro...
A taes scenas, afflicto, os olhos cerro.

CANTO VI

I

Gravastes, lusos jovens, na memoria
De nossos reis a serie em lusa rima;
Mais de um heroe, que lhes esmalta a gloria,
Com seu exemplo vosso esforço anima:
Nomes agora ouvi, que a nossa historia
Grata folga lembrar com justa estima.
De Portugal as inclytas rainhas
Lustre darão por fim ás trovas minhas.

II

Prole do Sexto Affonso —Soberano
Potente e vencedor no solo ibero,
De cujo zêlo e esforço sobrehumano
Devêra ser cantor um novo Homero—
Thereza deu ao povo lusitano
O seu primeiro rei. Vulgo severo
Embora indicios note, ou provas busque
Com que da sua fama a gloria offusque:

III

Imparcial, a historia nos presenta
Digna de um throno a iberica princeza:
Fiel esposa, ao bem geral attenta,
Modelo de constancia e fortaleza.
Viuva, vivo e incolume, sustenta
O brilho, o jus da gente portugueza.
Só a mancha ambição: com pena amarga
As redeas do governo ao filho larga.

IV

Do fundador da lusa monarchia
É consorte feliz gentil Mafalda,
Que bem aqui de encomios merecia
Em doces versos flórida grinalda.
Seus meritos a fama aos céus erguia;
Expectação tão alta se não balda:
Salve, prole sabauda! Astro benino
Fulge em Lysia ao aseeta, ao peregrino!

V

De fé sincera, em obras abundante
(Que viva esteril fé melhor mil vezes)
Propicia ao cenobita, ao viandante,
Dá prova, e santo exemplo, aos portuguezes.
Ainda agora, em tempo tão distante,
Recordam Guimarães e Canavezes,
Uma, do nobre claustro o beneficio,
Outra, a ponte alterosa, e o sacro hospicio.

VI

Aldonça ou Dulce, catalã princeza,
Para esposa de Sancho o céu destina:
N'ella, a par da mais flórida belleza,
Brilhar se vê virtude peregrina.
Soccorrer, meiga, a misera pobreza,
Implorar sempre a protecção divina,
Em fera crise, em placido socego,
É da vida de Dulce o doce emprego.

VII

Ramo illustre do tronco de Castella,
Desposa Urraca o luso rei terceiro,
Digna consorte, por piedosa, e bella,
Do soberano impavido guerreiro.
Do seraphim de Assis, que ardente anhela
Por conquistar a Christo o mundo inteiro,
Hospicio aos filhos dá. Serena e forte,
Prevista a fatal hora, encara a morte.

VIII

Tem jus a encomios, e á geral estima,
Princeza, rica, meiga, honesta e bella,
Que um lusitano infante acolhe e amima,
E por servi-lo em tudo se desvela:
Quando, ditoso, ao throno se sublima,
Affonso as leis mais santas atropella...
Nada aproveita á misera Mathilde
Ternura, o sacro laço, o rogo humilde.

IX

Do quinto rei do povo lusitano
Brites segunda esposa, exemplo raro
É de amor filial. Se alheio engano
Cumplice a faz de injusto desamparo,
Deplorando comsigo o crime e o damno,
Dos orphãos de Ulysseia é doce amparo;
E deixa, usando assim de seus thesouros,
Illustre nome aos seculos vindouros.

X

Salve, Izabel, que ao throno lusitano,
Esposa de Diniz, dás mais fulgores:
Em vão tenta exercer para teu damno
Negro genio do mal os seus furores:
Descobre o justo céu um torpe engano,
Convertendo alvos pães em frescas flores:
A virtude triumpha, espuma e brame
A vencida calumnia, atroz e infame.

XI

Termo outr'ora pozeste ás feras iras
Entre o rebelde principe invejoso,
E o rei, esposo teu, que armar-se víras
Para o filho punir, com causa iroso:
Anjo de paz, os animos uníras,
Influxo agora tens mais poderoso;
Agrilhoado o monstro da discordia,
Faz entre nós reinar firme concordia!

XII

Do *Bravo* Affonso esposa, ao desvalido
Brites consagra maternal affecto:
Afouto o pobre a implora, é soccorrido;
Sempre acha n'ella compassivo aspecto.
Soberana feliz! que vê cumprido
Seu desejo, vencida a fera Alecto,
Quando com modo emprega austero e brando,
Rainha, esposa e mãe, o rogo e o mando.

XIII

Um nome agora aqui citar coubera
(Que excita compaixão e um doce affecto)
O de Ignez, a quem Pedro um solio dera,
Se ella de sanha atroz não fôra objecto!
Se menos formosura ella tivera,
Se ao principe a escondêra um pobre tecto,
Não lhe houveram (da inveja infando effeito!)
Tres buidos punhaes rasgado o peito.

XIV

Fôra adorada... amou... víra-se erguida,
Por hymeneu excelso, á mór altura:
Dita fallaz, em breve convertida
Em lastimosa, extrema desventura!
Mas se n'um throno não se assenta em vida,
Abriu-se, á voz de Pedro, a sepultura,
Que seus restos mortaes cerrados tinha,
E «Despois de ser morta foi rainha».

XV

A Fernando desaire, á patria damno,
Leonor Telles sobe ao regio thoro:
Fatal belleza, accende affecto insano,
Brilha qual fulge infausto meteoro.
Telles, vencido o fraco soberano,
Chama, calcando as leis e o seu decoro,
Sobre o reino infeliz do crime a pena,
Qual sobre Troia e Grecia outr'ora Helena.

XVI

Filippa de Lencastre, em cujas veias
Gira de inclytos reis sangue britanno,
Pisas do Douro as rubidas areias,
Depois que cede ao luso o povo hispano.
De todos o respeito e amor grangeias,
E inda hoje te proclama o lusitano
Do Primeiro João consorte dina,
«Mãe de prole em valor quasi divina».

XVII

Ditosa em vida, mais ditosa ainda
Na do curso terrestre hora postrema,
Em que a mente que mais ao céu se guinda
É forçoso que emfim vacille, e tema!
Maria a ti se mostra, e diz: «Bemvinda
Sejas dos justos á mansão suprema».
Fallando assim, com maternal sorriso,
Meiga, te aponta aberto o Paraiso.

XVIII

Se, como rei, Duarte é desditoso,
Logra ao menos domestica ventura,
Que esposa o céu lhe dera, generoso,
De raro siso, engenho e formosura.
Leonor chora em breve o claro esposo
Roubado ao reino e á conjugal ternura,
E após desgosto acerbo e grave queixa,
Larga a tutela, e, triste, os lusos deixa.

XIX

Do Quinto Affonso a esposa, a cara filha
Do infante Pedro, lagrymas derrama
Para seu pae salvar: em vão se humilha,
Em vão tenta frustrar iniqua trama.
Constante da virtude a senda trilha
Izabel; em seu peito a dor açama,
E do aurifero Tejo ás margens ergue
Para ascetas christãos sagrado alvergue.

XX

Em Leonor, do *Principe perfeito*.
Esposa digna, angelica princeza,
De nobres prendas rica a mente e o peito,
É o menor dote a fulgida belleza.
Sente do zêlo seu ind'hoje o effeito
O pobre, a quem faltou (brutal fereza!)
Nos annos infantis, em proprio ninho,
Paterno amparo, e maternal carinho.

XXI

De caridade ardente e sempre activa,
Que de continuo o coração lhe abrasa,
São aos posteros prova decisiva
As thermas de seu nome e a santa casa.
Em Leonor a devoção mais viva
Com prudencia e vigor, tão bem se casa,
Que Manuel, a Iberia demandando,
Quer que exerça em seu nome o regio mando.

XXII

Izabel, que perdêra, em florea idade,
O desgraçado Affonso, o terno esposo,
Sobe do throno á summa dignidade,
A que a chama o monarcha *venturoso*.
Sorte fatal da pobre humanidade!
Da nova dita sua é breve o goso;
Ao dar á Hespanha inteira um regio herdeiro,
Chega da vida ao termo derradeiro.

XXIII

Estirpe aragoneza e de Castella,
Maria ao luso rei afortunado
Se une, morta Izabel; não menos que ella
Digna d'esse a que sobe excelso estado.
Fecunda mãe de prole illustre e bella,
De virtudes christãs vivo treslado,
Quando é mais venturosa e mais querida,
Após parto infeliz, lhe foge a vida.

XXIV

De Manuel consorte derradeira,
Ás mais igual nos dotes soberanos,
É Leonor, que da mortal carreira
O vê chegar ao termo em breves annos.
Do rei da Gallia esposa, sobranceira
Ao desamor se mostra e aos desenganos,
E exhala, sem temer o fim postremo,
Hispana, em solo hispano, o arranco extremo.

XXV

Da augusta esposa de João Terceiro
Verace historia os meritos pregoa:
Vê victima da morte o filho herdeiro
Da gloria antiga e da paterna c'rôa;
Com animo esforçado e rosto inteiro,
Reprime a viva dor. Faro e Lisboa
De Catharina ao zêlo (ao mundo exemplo)
Devem pias mercês, cenobio e templo.

XXVI

Consiga embora seu maligno intuito
Quem tramas folga urdir, quem as protege:
Ninguem que probidade estime em muito
De astuto enredador a dita inveje...
Pouco tempo inda mal! com siso, e fruito
De seu siso, a princeza os lusos rege,
Do neto em nome; como outr'ora Branca
No do filho regêra a nação franca.

XXVII

Ducal grandeza herdada em pouco estima
Luiza de Gusmão, que a mór fastigio
Com jus aspira, e o seu consorte anima
Os riscos a correr do grão litigio:
Após que o povo ao solio ambos sublima,
A defende-lo ajuda, e o seu prestigio
Exerce em prol geral, nobre princeza,
Exemplar de prudencia e de firmeza.

XXVIII

Do crepe vidual coberta a coma,
Morto o Quarto João, seu caro esposo,
Do reino em guerra envolto as redeas toma,
E o salva em mais de um trance perigoso.
Nunca matronas teve Esparta ou Roma,
De peito mais altivo e valoroso:
Por fim, sem que do claustro a vida a enoje,
Calca as pompas do mundo e ao mundo foge.

XXIX

Francisca de Nemours, rompendo o laço
Que ao Sexto inerte Affonso unido a tinha,
Troca por cella angusta o regio paço,
Onde doce união nem sempre aninha:
Rogada, o claustro deixa, em breve espaço,
De Pedro esposa, que a busca-la vinha;
Mas em parte o consorcio se mallogra,
Que dar herdeiro ao throno ella não logra.

XXX

Pedro Segundo, a quem cruel destino,
Após a esposa cara, a filha tolhe,
No neoburgense ramo palatino
Nova consorte, venturoso, escolhe.
Influxo em tal escolha houve divino,
E d'ella o luso povo os fructos colhe.
Caridosa, fecunda, em tudo egregia,
Sophia adita o rei, o reino e a regia.

XXXI

No luso throno outra allemã princeza
Do *magnanimo* rei se assenta ao lado,
E, firme e sabia, a gente portugueza
Rege mais de uma vez, por seu mandado.
Não esquece jamais, na summa alteza,
Do pobre a triste sorte e o bem do estado.
De Marianna d'Austria o nome e a gloria
Vivem, e hão de viver na lusa historia.

XXXII

Ao martyr do sigillo, heroe de Praga,
Um templo erige, e o culto seu promove:
Quanto lhe é dado, a devoção propaga,
Honra a virtude, o escandalo remove.
Chama, dota, protege, anima, afaga
(Para que do Carmelo aqui renove
Prisco zêlo, fervor, longa vigilia)
Piedosa teutonica familia.

XXXIII

Ao rei *reformador* formosa e pia
Esposa o céu concede, aos lusos cara,
Que no terror que todos opprimia
Mostra, em risco geral, firmeza rara.
Marianna Victoria em Deus confia;
Elle a guarda: ella, grata, o pobre ampara,
E ao calabrez Francisco portentoso,
Devota, erige templo magestoso.

XXXIV

Carlota de Bourbon, progenie hispana,
O luso infante por esposa houvera,
Que depois sobre a gente lusitana,
Sexto João, com brando sceptro impera.
O bando popular quanto se engana,
Se com rosto minaz doma-la espera!
Em vão manda intimar-lhe um triste encerro,
E os desconfortos de final desterro.

XXXV

Curvar seu collo a intrepida princeza,
Tenaz em seu proposito, recusa:
N'ella se ostenta a imagem da firmeza,
Tal como a pinta o vate de Venusa:
Mas um rasgo de tanta fortaleza
Civis lutas recorda á gente lusa...
Lanço um véu sobre quadro tão medonho,
E ao já longo meu canto um termo eu ponho.

XXXVI

Ponho-lhe termo, e o coração levanto
A Deus, ao Rei dos reis, que humilde adoro:
D'elle o favor supèrno, o auxilio santo,
Erguendo a debil voz, submisso imploro.
Verteu-se tanto sangue e tanto pranto
Nas discordias civis, que eu calo e choro...
Agora a paz, fecunda em dons, em mimos,
Brote em Lysia, quaes soe, fructos opimos!

XXXVII

Vós, nova geração, que inda os effeitos
Sentindo estaes das lutas intestinas,
Escutae sempre, á lei e ao rei sujeitos,
Do evangelho de Christo as sãs doutrinas:
Avivar procurae, com nobres feitos,
O pristino fulgor das santas quinas,
E no seio da paz, por igual sorte,
Tende o publico bem por fixo norte!

INDICE ALPHABETICO

DOS

NOMES PROPRIOS

N. B. O numero romano denota o canto; o algarismo que se lhe segue, a oitava. Aindaque o mesmo nome proprio se ache em mais de uma oitava, ordinariamentesó se cita a primeira em que se encontra. N. significa nasceu. A. foi acclamado ou subiu ao throno. F. falleceu.

A

Achem. III. 37. Cidade da ilha de Sumatra na Oceania.

Affonso (o Sexto). I. 18. Imperador de Hespanha, sogro do conde D. Henrique, tronco dos senhores reis de Portugal.

Affonso. I. 20. O senhor D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal. N. segundo a opinião mais seguida, em 1109. Tomou posse do governo em 1128, e foi acclamado rei, conforme o parecer da maior parte dos historiadores, em 1139.

Affonso. I. 35. O senhor D. Affonso II, terceiro rei de Portugal. N. 1185. A. 1211. F. 1223.

Affonso. I. 45. O senhor D. Affonso III, quinto rei. N. 1210? tomou posse do governo em 1246. A. 1248. F. 1279.

Affonso. I. 56. O senhor D. Affonso IV, setimo rei. N. 1291. A. 1325. F. 1357.

Affonso. II. 17 e 21. O senhor D. Affonso V, duodecimo rei. N. 1432. A. 1438. F. 1481.
Affonso. IV. 24. O senhor D. Affonso VI, vigesimo segundo rei. N. 1643. A. 1656. F. 1683.
Affonso. II. 33. O principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II.
Africa. I. 17. Uma das cinco partes do mundo.
Agar. I. 46. Escrava, e depois mulher do patriarcha Abrahão.
Agareno. I. 22. Toma-se por synonymo de arabe, mouro.
Ajace. IV. 30. O mesmo que Ajax (o Telamonio), depois de Achilles, o mais valente dos principes gregos confederados contra a cidade de Troia.
Alanos. I. 10. Povo de origem scythica, que invadiu as terras do imperio romano, e entre ellas a Hespanha.
Albion. V. 36. O mesmo que Inglaterra.
Albuquerque. II. 40. Affonso de Albuquerque, segundo governador da India, celeberrimo pelas suas victorias e conquistas.
Albuquerque. IV. 14. Mathias de Albuquerque, governador das armas do Alemtejo nos principios da guerra da acclamação.
Alcacer. III. 40. Alcacer Quibir, cidade de Africa no reino de Fez.
Alcacer do Sal. I. 35. Villa de Portugal na Estremadura.
Alceu. I. 52. Poeta lyrico grego.
Alcides. I. 60. O mesmo que Hércules, semi-deus da fabula.
Alcuino. V. 25. Sabio inglez do seculo viii, fundador de varias escolas, sob os auspicios de Carlos Magno.
Aldonça. V. Dulce.
Algarve. I. 33. Provincia de Portugal, com o titulo de reino.
Aljubarrota. II. 3. Villa de Portugal na Estremadura.
Almada. II. 5. Antão Vasques de Almada, general que muito se distinguiu na batalha de Aljubarrota.
Almada. II. 18. Alvaro Vasques de Almada, conde de Abranches em França, que morreu no combate da Alfarrobeira, pelejando a favor do infante D. Pedro.

Almada. IV. 9. D. Antão de Almada, um dos quarenta fidalgos acclamadores do senhor D. João IV, e em cuja casa se reuniram os conjurados.

Almedina. II. 49. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.

Almeida. II. 26. D. Duarte de Almeida, que não largou o estandarte real na batalha de Toro, senão depois de lhe cortarem os braços.

Almeida. IV. 9. D. Miguel de Almeida, um dos quarenta fidalgos acclamadores do senhor D. João IV.

Almeida. V. 25. O padre Theodoro de Almeida, auctor da obra intitulada *Recreação philosophica*, etc.

Almeidas. II. 39. Um d'elles é D. Francisco, outro D. Lourenço seu filho; o primeiro dos quaes foi vice-rei da India, e ambos immortaes pelo seu heroico valor.

Ameixial. IV. 27. Campos do Ameixial no Alemtejo, onde o conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel, venceu o exercito castelhano, commandado por D. João de Austria.

Andeiro. II. 2. João Fernandes Andeiro, conde de Ourem, valido da rainha D. Leonor, viuva do senhor rei D. Fernando.

Andrade. IV. 23. Jacinto Freire de Andrade, distincto classico portuguez, que escreveu a vida de D. João de Castro.

Anglo. IV. 19. O mesmo que inglez.

Angola. IV. 18. Estado de Africa na Negricia meridional.

Anselmo. V. 25. S. Anselmo, arcebispo de Cantuaria, celebre theologo e philosopho do seculo xi.

Antonio. I. 40. Santo Antonio de Lisboa, o thaumaturgo portuguez.

Antonio. III. 48. O senhor D. Antonio, prior do Crato, um dos pretendentes á corôa de Portugal, por morte do cardeal rei.

Aonia. IV. 26. Lympha Aonia é a agua da fonte Aganippe, consagrada ás musas, e que ficava na Aonia, parte montanhosa da Beocia.

Apollo. I. 1. Um dos grandes deuses da mythologia grega. Presidia ás letras e especialmente á poesia.

Arabio. I. 14. O mesmo que arabe; toma-se aqui pelo falso propheta Mafoma.
Araujo. V. 36. Antonio de Araujo de Azevedo, que veiu a ser conde da Barca, illustrado ministro do senhor D. João VI, quando principe regente.
Aregas. IV. 10. João de Aregas ou das Regras, jurisconsulto, que muito concorreu para o senhor D. João I ser elevado ao throno.
Argos. II. 9. Navio em que Jasão foi á conquista do véllo de oiro.
Argote. V. 6. D. Jeronymo, contador de Argote, eruditissimo socio da academia real de historia portugueza.
Ario. I. 13. Heresiarcha do seculo IV da igreja, que negava a divindade de Jesus Christo.
Aristippo. IV. 43. Philosopho grego, fundador da eschola cyrenaica ou edonica, que fazia consistir o summo bem nos prazeres dos sentidos.
Arraes. III. 58. D. fr. Amador Arraes, frade carmelita, bispo de Portalegre, auctor de *Dialogos* muito elegantes e doutrinaes.
Arzila. II. 21. Cidade de Africa no reino de Fez.
Asia. III. 5. Uma das cinco partes do mundo.
Asopo. V. 17. Rio da Beocia.
Assis. VI. 7. Cidade de Italia nos estados do papa. Por seraphim de Assis entende-se S. Francisco, fundador da ordem dos frades menores.
Assur. V. 9. O mesmo que assyrio. Allude-se ao exercito de Sennacherib.
Assyria. III. 56. Vasto imperio da Asia na antiguidade.
Asturias. I. 15. Provincia de Hespanha, berço da monarchia hespanhola.
Ataide. II. 39. Nuno Fernandes de Ataide, famoso capitão de Çafim.
Athenas. I. 52. Celebre cidade da Grecia, antigo emporio das letras e das bellas artes.
Atlante. V. 53. Rei da Mauritania, que, segundo a fabula, deu o seu nome ao monte Atlas e ao mar Atlantico.
Atouguia. III. 37. D. Luiz de Ataide, conde de Atou-

guia, duas vezes vice-rei da India, e n'ella restaurador da gloria portugueza.

Attalicos (thesouros). V. 7. Houve tres reis de Pergamo chamados Attalos, cujas riquezas se tornaram proverbiaes.

Augusto. III. 8. O imperador Octaviano. Aqui toma-se por soberano.

Ausonia. IV. 26. O mesmo que Italia.

Ausonio (cysne). IV. 20. O grande poeta Virgilio.

Austria. IV. 34. N'este logar se allude ao archiduque de Austria Carlos, que pretendeu succeder na corôa de Hespanha por morte de D. Carlos II.

Aviz. II. 1. Aviz, villa do Alemtejo, séde da ordem militar de S. Bento. Por mestre de Aviz entende-se aqui o senhor D. João, depois rei, o 1.º d'este nome.

Azambuja. III. 42. Fr. Jeronymo da Azambuja, religioso dominico, insigne theologo e escriptor.

Azamor. II. 49. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.

B

Bactro. III. 12. O rio Bactro na Asia, o qual desemboca no Oxo.

Badajoz. I. 24. Cidade de Hespanha na fronteira de Portugal, nas margens do Guadiana.

Baharem. III. 15. Ilha do golpho persico, onde se pesca aljofar.

Barbosa. II. 57. Ayres Barbosa, grande humanista e um dos restauradores das letras na peninsula hispanica.

Barreto. IV. 16. Francisco Barreto de Menezes, um dos generaes que mais se distinguiram no Brazil contra os hollandezes.

Batavo. I. 35. O mesmo que hollandez.

Beatriz. IV. 10. V. Brites.

Beda. V. 25. Cognominado o *Veneravel,* sabio inglez que floreceu no seculo viii, e foi mestre de Alcuino.

Beja. III. 58. Cidade na provincia do Alemtejo.

Belgas. III. 54. Habitantes da Belgica. Poeticamente,

fallando com menos propriedade, confundem-se ás vezes com *batavos* ou hollandezes.

Beresford. V. 48. O marquez de Campo Maior, valente general inglez e habilissimo disciplinador do exercito portuguez, de que foi marechal general.

Bernardes. III. 24. Diogo Bernardes, poeta pastoril muito suave.

Bernardes. IV. 40. O padre Manuel Bernardes, da congregação do oratorio, zeloso prégador e escriptor ascetico de muita uncção e elegancia.

Bernardim. II. 55. Bernardim Ribeiro, excellente poeta bucolico.

Bérulle. IV. 39. O cardeal Bérulle, que estabeleceu em França a congregação do oratorio.

Beticas (campinas). I. 31. O mesmo que da Andaluzia.

Bidassoa. V. 40. Rio que separa a Hespanha da França.

Bintão. III. 15. Reino na India.

Bocage. V. 31. Manuel Maria de Barbosa du Bocage, illústre poeta dos fins do seculo passado e principios do actual.

Boileau. V. 18. Poeta francez satyrico e critico do seculo de Luiz XIV.

Bojador. II. 11. Cabo na costa occidental de Africa.

Bolonhez (Affonso o). I. 45. V. Affonso III. Este monarcha foi chamado *Bolonhez* por ter sido casado com Mathilde, condessa de Bolonha em França.

Bonaparte. V. 45. O mesmo que Napoleão I, o maior guerreiro e conquistador dos tempos modernos.

Bonaparte. V. 42. José Bonaparte, rei intruso de Hespanha, irmão do imperador Napoleão.

Borba. II. 31. O conde de Borba, D. Vasco Coutinho, celebre pelo seu valor nas guerras de Africa.

Bordéus. V. 43. Cidade de França, capital do departamento da Gironda.

Borgonhez. I. 18. Natural de Borgonha, antiga provincia de França.

Bourbons. V. 43. Dynastia real de França, restaurada no throno d'aquella monarchia em 1814.

Braccharense. I. 39. Allude-se n'este logar ao arcebispo de Braga, D. Estevão Soares da Silva.

Bragança. II. 29. «*Um Bragança infeliz*». O duque D. Fernando, decapitado em Evora como conspirador.

Bragança (Estirpe de). IV. 10. A augusta dynastia felizmente reinante em Portugal.

Branca VI. 26. A rainha de França, Branca de Castella, mãe de S. Luiz, e regente na menoridade de seu filho, e depois durante as expedições d'aquelle monarcha.

Brandão. III. 61. Fr. Antonio Brandão, chronista do reino, que escreveu a 3.ª e a 4.ª partes da *Monarchia lusitana*.

Brazil. IV. 16. Vastissimo continente da America meridional, hoje imperio.

Britanno. V. 48. O mesmo que inglez.

Brites. I. 47, e VI. 9. A senhora D. Brites, segunda mulher do senhor rei D. Affonso III.

Brites. VI. 12. A senhora D. Brites, mulher do senhor rei D. Affonso IV.

Brites. II. 1. Rainha de Castella, filha do senhor rei D. Fernando I de Portugal, por cuja morte pretendeu succeder-lhe.

Brito. III. 61. Fr. Bernardo de Brito, chronista do reino, auctor da 1.ª e 2.ª partes da historia de Portugal, intitulada *Monarchia lusitana*.

Brito. IV. 37. O beato João de Brito, jesuita, martyr na India, beatificado em 1854.

Burgos. V. 40. Cidade de Hespanha, capital da Castella Velha.

C

Cabraes. III. 9. Allude-se n'esta estancia a Jorge Cabral, governador da India.

Cabral. II. 11. Gonçalo Velho Cabral, descobridor da ilha de S. Maria, uma dos Açores.

Cabral. II. 45. Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.

Cafres. III. 28. Habitantes da Cafraria, vasta região da Africa austral.
Calecut. II. 42. Famosa cidade do Malabar.
Calliope. III. 59. Uma das nove musas, que presidia á poesia heroica.
Calvino. III. 42. João Calvino, heresiarcha, chefe dos pretensos reformados da França, de Genebra, etc.
Camarão. IV. 17. Valente official, que se distinguiu na guerra de Pernambuco contra os hollandezes.
Camenas. I. 53. O mesmo que as musas.
Çamice. II. 30. Grande povoação na Barbaria, fortissima pela sua posição em uma eminencia.
Camões. I. 1. III. 45. Luiz de Camões, o principe dos poetas portuguezes.
Canavezes. VI. 5. Villa na provincia do Minho.
Capitolio. I. 3. Templo e cidadella de Roma antiga no monte Tarpeio.
Caracena. IV. 27. O marquez de Caracena que, succedendo a D. João de Austria no commando do exercito castelhano, foi desbaratado pelo marquez de Marialva em Montes Claros.
Carlos. V. 4. O archiduque Carlos de Austria, pretendente á corôa de Hespanha, por morte do rei D. Carlos II.
Carlota. VI. 34. A senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa do senhor rei D. João VI.
Carmelo. VI. 32. Hoje Acre, monte da Syria, o qual deu o seu nome a uma ordem de eremitas, que reconhecem por seu patriarcha o propheta Elias.
Carthago. I. 3. Capital de uma republica na Africa, rival de Roma.
Carvalho. V. 10. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, grande estadista, privado e ministro do senhor rei D. José.
Castalia. III 17. Fonte nas fraldas do Parnaso consagrada ás musas.
Castanheda. III. 19. Fernão Lopes de Castanheda, historiador do descobrimento e conquista da India.
Castella. II. 23. Região de Hespanha, dividida em Castella Velha e Castella Nova. Ás vezes toma-se por toda a Hespanha.

Castello Melhor. IV. 33. O conde de Castello Melhor, Luiz de Sousa e Vasconcellos, habil ministro, celebre pela sua fidelidade ao senhor rei D. Affonso VI.

Castello Rodrigo. IV. 27. Villa da Beira Baixa, junto da qual Pedro Jacques de Magalhães derrotou os hespanhoes na guerra da acclamação.

Castro. I. 56. D. Ignez de Castro, infeliz esposa do principe D. Pedro, depois rei de Portugal.

Castro. II. 26. D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto, cavalleiro de extremado valor, que morreu no assalto de Arzila.

Castro. III. 18. D. João de Castro, vice-rei da India, um dos grandes heroes portuguezes.

Castro. III. 60. Gabriel Pereira de Castro, jurisconsulto e poeta insigne, auctor do poema heroico intitulado: *Ulysséa ou Lisboa edificada*.

Castro. V. 21. Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, que deu o desenho para a estatua equestre do senhor D. José I.

Catharina. III. 35, e VI. 25. A senhora D. Catharina, esposa do senhor rei D. João III.

Catharina. III. 49. A senhora D. Catharina, duqueza de Bragança, filha do infante D. Duarte e neta do senhor rei D. Manuel.

Ceuta. II. 6. Cidade de Africa defronte de Gibraltar.

Chagas. IV. 41. Fr. Antonio das Chagas, religioso franciscano, fundador dos conventos do Varatojo e de Brancanes, auctor de obras espirituaes muito estimadas.

Chaul. III. 37. Cidade da India.

Cochim. II. 40. Cidade da India na costa do Malabar.

Cocles. I. 28. Publio Horacio Cocles, heroe dos primeiros tempos de Roma, que assignalou o seu destemor na ponte Sublicia, combatendo contra Porsena, rei dos etruscos.

Cocyto. III. 62. Um dos rios do inferno, segundo a fabula.

Codro. I. 28. Ultimo rei dos athenienses, que se sacrificou pelos seus n'uma batalha contra os dorios.

Colbert. V. 16. Celebre estadista francez, ministro de Luiz XIV.

Congo. IV. 18. Reino da Africa, cujo rei é vassallo da corôa de Portugal.
Constança. I. 57. D. Constança, primeira mulher do infante D. Pedro, depois rei de Portugal.
Constantino. III. 37. D. Constantino de Bragança, vice-rei da India, immortal por suas façanhas n'aquelle estado.
Correia. I. 50. D. Paio Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago, esforçadissimo capitão, conquistador do Algarve.
Correia. IV. 18. Salvador Correia de Sá, valente cabo de guerra, que restaurou Angola do poder dos hollandezes.
Corfú. V. 4. A mais importante das ilhas Jonias.
Corso. III. 3. Toma-se por Bonaparte, natural da ilha de Corsega.
Côrte Real. III. 27. Jeronymo Côrte Real, epico portuguez.
Costa. IV. 14. D. João da Costa, depois conde de Soure, um dos generaes que ganharam a batalha de Montijo.
Costa. V. 21. Bartholomeu da Costa, engenheiro sob cuja direcção se fundiu a estatua equestre do senhor rei D. José.
Coutinho. II. 26. D. João Coutinho, conde de Marialva, esforçadissimo cavalleiro, que morreu no assalto de Arzila.
Coutinho. III. 37. D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, vice-rei da India.
Coutinho IV. 13. D. Gastão Coutinho, general de Entre Douro e Minho, que se distinguiu nos principios da guerra da acclamação.
Coutinhos. II. 39. Um por nome D. Vasco, conde de Borba, outro D. Fernando, ambos illustres guerreiros.
Couto. III. 61. Distincto historiador que continuou as *Decadas* de João de Barros.
Crispo. IV. 23. Crispo Sallustio, famoso historiador romano.
Chrysippo. IV. 43. Philosopho estoico, que combateu a moral relaxada de Aristippo e de Epicuro.

Cunha. IV. 9. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, um dos quarenta acclamadores.

Cunha. V. 30. José Anastacio da Cunha, auctor de excellentes compendios de disciplinas mathematicas, em que foi insigne.

Cunhas. III. 9. Allude-se aqui a Nuno da Cunha, famoso governador da India.

D

Dabul. II. 42. Cidade da India.

Danubio. V. 51. Grande rio da Europa, que banha Vienna de Austria.

Decio. I. 28. Publio Decio Mus, capitão romano que se sacrificou pela patria em uma batalha contra os latinos.

Dedaleo (artificio). V. 21. Dedalo, segundo a mythologia, foi um mechanico e estatuario atheniense, de quem se referem maravilhas

Delille. V. 31. Poeta francez, excellente traductor em verso das obras de Virgilio, e famoso mais que tudo pela doçura da sua metrificação.

Demosthenes. IV. 11. O mais eloquente dos oradores gregos.

Descartes. V. 25. Sabio francez do seculo xvii e um dos fundadores da philosophia moderna.

Dias. II. 32. Bartholomeu Dias, o primeiro navegador que descobriu o cabo, que elle denominou das *Tormentas;* nome que foi mudado no de *Boa Esperança* pelo senhor rei D. João II.

Diniz. I. 52. O senhor D. Diniz, sexto rei de Portugal. N. 1261. A. 1279. F. 1325.

Dirce. III. 17. Fonte que corria perto da cidade de Thebas na Grecia.

Dirceu. V. 32. V. Gonsaga.

Dio. III. 18. Cidade da India portugueza.

Douro. V. 17. Rio de Hespanha e Portugal, bem conhecido.

Duarte. II. 14. O senhor D. Duarte, undecimo rei de Portugal. N. 1391. A. 1433. F. 1438.

Dulce. VI. 6. D. Dulce, esposa do senhor D. Sancho I.

E

Eannes. II. 11. Gil Eannes, navegador que primeiro dobrou o cabo Bojador.
Ebro. V. 41. Grande rio na Hespanha.
Eden. II. 46. O mesmo que paraiso terreal. Eden em hebraico significa delicia.
Egas Moniz. V. Moniz.
Elpino. V. 17. Nome arcadico do desembargador Antonio Diniz da Cruz, insigne poeta lyrico e satyrico.
Elvas. IV. 27. Cidade de Portugal na provincia do Alemtejo.
Enéas. III. 10. Principe troiano, heroe da epopéa de Virgilio.
Epaminondas. III. 55. Esforçadissimo capitão thebano.
Erasmo. III. 22. Desiderio Erasmo, grande humanista hollandez, admirador de Gil Vicente.
Erinnys. V. 54. Furia, falsa divindade, que inspirava odios e atiçava discordias.
Escandinava (terra). I. 11. Região a que hoje corresponde a Suecia e Noruega.
Essling. V. 40. Cidade de Austria. O famigerado marechal Massena, tão pouco feliz na sua campanha de Portugal, tivera o titulo de principe de Essling, por haver contribuido para a victoria que Napoleão ali ganhára aos austriacos.
Esparta. VI. 28. Antiga republica da Grecia.
Estagyrita. II. 54. O principe dos philosophos gregos, Aristoteles, mestre de Alexandre Magno.
Estremadura. I. 22. Provincia de Portugal.
Estygios (monstros). I. 41. Os demonios.
Etruria. V. 45. O mesmo que Toscana, grão ducado da Italia. A ilha a que a oitava allude é a de Elba.
Euclides. III. 20. Famoso geometra grego.
Euripides. III. 24. Insigne poeta tragico grego.
Europa. V. 2. A mais nobre das cinco partes do mundo.
Euxino. II. 9. O mar negro.
Evora. I. 30. Cidade de Portugal, cabeceira da provincia do Alemtejo.

F

Fabio. I. 5. Quinto Fabio, proconsul romano, que concluiu com Viriato uma paz favoravel aos lusitanos.

Fabio. IV. 21. Quinto Fabio Maximo, o contemporisador. Illustre general que, sendo dictador, sustou os progressos de Annibal.

Fabricio. IV. 21. General romano, vencedor dos samnites, e celebre pela sua lealdade e desinteresse.

Faria. I. 64. Nuno Gonçalves de Faria, alcaide mór do castello de Faria, nomeado pelo seu valor e fidelidade na guerra com Castella, reinando o senhor rei D. Fernando.

Faria. III. 61. Manuel Severim de Faria, douto antiquario e escriptor politico elegante.

Faro. VI. 25. Cidade do Algarve.

Fernam Lopes. II. 31. O mais antigo chronista portuguez.

Fernandes (Martim). I. 50. Valoroso capitão no reinado do senhor D. Affonso III.

Fernando. I. 46. D. Fernando III, rei de Castella e Leão, cognominado o *Santo*.

Fernando. I. 62. O senhor D. Fernando I, nono rei de Portugal. N. 1345. A. 1367. F. 1383.

Fernando. II. 14. O infante D. Fernando, cognominado o *Santo,* filho do senhor rei D. João I, e que morreu captivo dos mouros em Fez.

Fernando (de Aragão). II. 23. Rei catholico, marido da rainha D. Izabel de Castella.

Fernando. IV. 42. D. Fernando de Menezes, segundo conde da Ericeira, distincto historiador, que escreveu nas linguas latina e portugueza.

Ferreira. III. 24. O doutor Antonio Ferreira, celebre poeta portuguez.

Figueirôa. IV. 17. Valoroso official na guerra contra os hollandezes em Pernambuco.

Filinto. V. 33. Filinto Elysio, nome arcadico do insigne poeta Francisco Manuel do Nascimento.

Filippa de Lencastre. VI. 16. Esposa do senhor rei D. João I.
Filippes. III. 56. Os tres reis de Castella qne reinaram intrusamente em Portugal, desde 1580 até 1640; os quaes foram D. Filippe I, D. Filippe II e D. Filippe III.
Flacco. III. 24. Quinto Horacio Flacco, famoso poeta latino lyrico e satyrico.
Flora. I. 2. Deusa das flores e dos jardins.
Foreiro. III. 42. Fr. Francisco Foreiro, insigne theologo da ordem de S. Domingos.
Fortunadas (Ilhas). II. 46. Julga-se commummente ter-se dado este nome ás Canarias, situadas no oceano Atlantico, muito celebres pela sua fertilidade.
França. III. 48. Poderosa e florentissima região da Europa.
Franca. V. 26. O mesmo que franceza.
Francisca de Nemours. VI. 29. D. Maria Francisca Izabel de Saboia e Nemours havia esposado o senhor rei D. Affonso VI. Depois, tendo sido julgado nullo o matrimonio que com elle contrahira, casou com o principe D. Pedro, que veiu a reinar com o nome de D. Pedro II.
Francisco. VI. 33. S. Francisco de Paula, nascido na Calabria, provincia do reino de Napoles, fundador da ordem dos minimos.
Freitas. I. 43. Martim de Freitas, alcaide mór de Coimbra, illustre pela sua inviolavel fidelidade ao senhor rei D. Sancho II.
Furtado. III. 53. André Furtado de Mendonça, esforçado e habil capitão, governador da India, esclarecido por muitas façanhas.

G

Gallia. V. 36. Toma-se por synonymo de França.
Galliza. IV. 13. Provincia de Hespanha bem conhecida.
Galvões. III. 9. Indica-se n'este logar Antonio Galvão, governador das ilhas Molucas, famoso pelas muitas façanhas que obrou.

Gama. II. 39. D. Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira, o descobridor da India.

Ganges. II. 35. Rio da India muito celebrado.

Garção. V. 18. Pedro Antonio Correia Garção, poeta elegante e de apurado gosto.

Garcia. II. 56. Garcia de Resende, chronista e auctor de uma miscellanea em verso.

Garonna. V. 44. Rio de França, em cujas margens está situada Bordeus.

Germania. I. 11. Vasta região da Europa, a que hoje corresponde a Allemanha.

Germanico. I. 31. Como adjectivo gentilico significa o mesmo que allemão.

Giraldo. I. 30. Denodado guerreiro, cognominado *Sem pavor,* que tomou Evora aos mouros por entrepreza.

Goa. III. 37. Cidade capital da India portugueza.

Godos. I. 10. Povos do norte da Europa, que nos seculos IV e V da era christã invadiram as terras do imperio romano.

Godoy. V. 29. D. Manuel Godoy, principe da Paz, ministro e valido do rei de Hespanha D. Carlos IV.

Gonçalo. I. 30. Esforçadissimo caudilho, cognominado o *Lidador*.

Gonzaga. V. 32. Thomás Antonio Gonzaga, mimoso poeta lyrico, mais conhecido pelo nome arcadico de Dirceu.

Gouveias III. 45. Um foi Diogo de Gouveia, outro Antonio de Gouveia, ambos admirados e applaudidos em França pela sua grande erudição.

Gracchos (a mãe dos). IV. 4. Cornelia, filha de Scipião africano, educou severamente seus filhos, Tiberio Graccho e Caio Graccho, e os esforçou nos lances mais perigosos.

Grecia. III. 20. Região da Europa, muito celebre na antiguidade pelo valor e illustração de seus habitadores.

Guimarães. VI. 5. Cidade na provincia do Minho.

Gusmão. IV. 3. V. Luiza.

H

Hamet. III. 38. Muley Hamet, rei de Marrocos, deposto do throno por seu tio Moluco.
Haro. IV. 28. D. Luiz de Haro, general castelhano, derrotado por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, na batalha das linhas de Elvas.
Hebreu. III. 56. O povo israelita.
Heitor. III. 46. Fr. Heitor Pinto, monge de S. Jeronymo, elegante escriptor ascetico.
Helena. VI. 15. Mulher de Menelau, rei de Esparta, roubada por Páris, principe troiano; rapto que foi causa da guerra de Troia.
Hellenica. II. 53. O mesmo que grega.
Henrique. I. 18. O conde D. Henrique, tronco dos senhores reis de Portugal.
Henrique. II. 7. O infante D. Henrique, filho do senhor rei D. João I, inclyto heroe e motor dos descobrimentos maritimos.
Henrique. III. 47. O senhor cardeal D. Henrique, decimo setimo rei de Portugal. N. 1512. A. 1578. F. 1580.
Henriques. V. Affonso Henriques.
Herculeo (Marco). II. 11. As chamadas columnas de Hercules, isto é, os dois montes Abyla e Calpe.
Herminio (Monte). I. 4. Serra da Estrella na Beira Baixa.
Hespanha. II. 3. Nobilissima região da Europa.
Hesperia. I. 2. A derradeira Hesperia é a Hespanha, que tambem se chamava entre os latinos *Hesperia menor*, em contraposição á *maior* ou *primeira*, isto é, á Italia.
Hipparco. II. 11. Mathematico e astronomo grego, que floreceu seculo e meio antes da nossa era.
Hipponense (Antiste). III. 51. S. Agostinho, bispo de Hippona.
Hispalica. I. 50. Adjectivo formado de *Hispalis*, antigo nome da cidade de Sevilha.
Hispano. I 3. O mesmo que hespanhol.
Hocem. II. 42. Ali-Hocem, capitão do soldão do Egypto.
Hollanda. IV. 16. Paiz do norte da Europa, hoje reino.

Homero. III. 20. O principe dos poetas gregos.
Honorio. I. 39. O summo pontifice, terceiro d'este nome.
Horta. III. 45. Garcia de Horta, medico que escreveu sobre as drogas da India.
Hortensia Castro. II. 53. Publia Hortensia de Castro, nobre donzella muito instruida, que esteve ao serviço da infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel, e defendeu conclusões theologicas e philosophicas na presença do cardeal infante D. Henrique, e depois na de Filippe I, pelos quaes principes foi devidamente galardoada.

I

Ibero. I. 13. Habitante da Iberia, o mesmo que hespanhol.
Ignez. I. 57 e VI. 13. V. *Castro.*
Ilisso. V. 17. Pequeno rio que corre junto de Athenas.
Indico imperio (o luso). II. 6. O conjunto das conquistas feitas pelos heroes portuguezes na India.
Iphicrates IV. 31. General atheniense que prestou grandes serviços aos alliados da sua patria, e que foi grande mestre de disciplina militar.
Izabel. VI. 10. Santa Izabel, esposa do senhor rei D. Diniz.
Izabel. VI. 19. D. Izabel, mulher do senhor rei D. Affonso V.
Izabel. VI. 22. D. Izabel, que tendo ficado viuva do principe D. Affonso, filho do senhor D. João II, casou com o senhor rei D. Manuel.
Ismael. II. 37. Filho do patriarcha Abrahão e de Agar, de quem os arabes pretendem descender.
Ismenia. II. 9. Lyra *ismenia,* a de Pindaro, poeta natural de Thebas, cidade junto da qual corria o rio Ismeno.
Israel. II. 38. O mesmo que Jacob. *Prole de Israel,* os judeus.
Italia. I. 6. Celeberrima região da Europa.

J

Jafanapatão. III. 54. Peninsula na extremidade septentrional da ilha de Ceilão.

Jacques. IV. 29. Pedro Jacques de Magalhães, um dos heroes da guerra da acclamação.

Jasões. II. 9. Allude-se n'esta oitava a Jasão, principe da Thessalia, que, esbulhado do throno paterno, foi na nau *Argos* á conquista do véllo de oiro.

Jayme. II. 49. D. Jayme, duque de Bragança, que expiou com a tomada de Azamor o crime de ter dado a morte á duqueza sua esposa, por meras suspeitas de que lhe houvesse sido infiel.

Joanna. II. 23. A princeza D. Joanna, intitulada a *Excellente senhora*, que devendo herdar a corôa de Castella, e casar com o senhor rei D. Affonso V de Portugal, seu tio, veiu a passar o resto de seus dias no convento de Santa Clara em Santarem.

Joanna. II. 23. A infanta beata Joanna, filha do senhor rei D. Affonso V.

João. I. 51. O papa João XXI ou XXII, natural de Lisboa, conhecido antes do seu pontificado pelo nome de Pedro Hispano.

João. II. 3. O senhor D. João I, decimo rei de Portugal. N. 1357. A. 1385. F. 1433.

João. II. 27. O senhor D. João II, decimo terceiro rei de Portugal. N. 1455. A. 1481. F. 1495.

João. III. 5. O senhor D. João III, decimo quinto rei de Portugal. N. 1502. A. 1521. F. 1557.

João. IV. 1. O senhor D. João IV, vigesimo primeiro rei de Portugal. N. 1604. A. 1640. F. 1656.

João. V. 2. O senhor D. João V, vigesimo quarto rei de Portugal. N. 1689. A. 1706. F. 1750.

João. V. 28 e 53. O senhor D. João VI, vigesimo setimo rei de Portugal. N. 1767. A. 1816. F. 1826.

João. III. 34. O principe D. João, filho do senhor rei D. João III.

João de Deus (S.). III. 32. Servo de Deus, fundador da ordem dos hospitalarios.

Jonio (Mar). V. 4. Porção do Mediterraneo entre a Italia e a Turquia da Europa.

José. V. 8. O senhor D. José I, vigesimo quinto rei de Portugal. N. 1714. A. 1750. F. 1777.

José. V. 27. O principe D. José, filho da senhora D. Maria I e do senhor D. Pedro III.

Josué. I. 44. Chefe dos israelitas, que os introduziu na terra da promissão.

Jucib. I. 34. Poderoso e esforçado rei dos mouros de Africa, cognominado o *Victorioso*.

Judeu. V. *Hebreu* e *Israel*.

Julião. I. 14. O conde Julião, traidor, que fez entrar os mouros na Hespanha, no tempo do rei Rodrigo.

Junot. V. 39. General francez, que invadiu Portugal em 1807.

L

Lacia (nação). I. 3. O mesmo que nação romana.

Lacio. II. 25. Propriamente fallando, quarta região da Italia, situada entre a Etruria e a Campania; poeticamente significa muitas vezes o mesmo que Roma.

Lafões V. 24. O duque de Lafões, D. João de Bragança, que, voltando a Portugal depois de longas viagens, fundou a academia real das sciencias de Lisboa.

Latino I. 5. O mesmo que romano, fallando com menos propriedade.

Laura. V. 32. Nobre e formosa dama de Avinhão, celebrada pelo grande poeta Petrarca.

Lebrun. V. 33. Poeta lyrico, cognominado o *Pindaro francez*, que floreceu nos fins do seculo passado e nos principios do actual.

Leitão. V. 6. Francisco Leitão Ferreira, douto socio da real academia de historia, fundada pelo senhor rei D. João V.

Lencastre. IV. 4. D. Marianna de Lencastre, dama de animo varonil, que armou seus filhos para tomarem parte na gloriosa facção do 1.º de dezembro de 1640.

Leonez. I. 37. Habitante de Leão, um dos antigos reinos de Hespanha.
Leonor. VI. 15. D. Leonor Telles, esposa do senhor rei D. Fernando, tendo-o sido de João Lourenço da Cunha, a quem foi violentamente tirada por aquelle soberano.
Leonor. II. 17, e VI. 18. D. Leonor, mulher do senhor rei D. Duarte.
Leonor. VI. 20. D. Leonor, esposa do senhor rei D. João II.
Leonor. VI. 24. D. Leonor, terceira mulher do senhor rei D. Manuel.
Leonor. III. 28. D. Leonor de Sá. V. *Sepulveda*.
Libya. I. 14. O mesmo que Africa.
Lima. III. 24. Rio de Portugal na provincia do Minho.
Limas. III. 9. Aqui se allude a D. Manuel de Lima, cavalleiro de estremado valor, que se distinguiu por muitas façanhas, principalmente na praça de Diu.
Lino. V. 31. Famoso poeta dos tempos mythologicos.
Lippe. V. 14. O conde reinante de Schaumburg Lippe, que foi marechal general do exercito portuguez, sendo primeiro ministro d'estado o marquez de Pombal.
Livio (o Luso). III. 19. Assim se costuma appellidar o nosso historiador João de Barros, por allusão ao historiador latino Tito Livio.
Lobo. V. 52. D. Joaquim Lobo da Silveira, um dos tres plenipotenciarios portuguezes no congresso de Vienna, e que depois foi creado conde de Oriola e falleceu na Prussia.
Lombardo. II. 54. Pedro Lombardo, appellidado *Mestre das sentenças*, bispo de Paris, que compoz um celebre tratado, por onde se ensinou por muito tempo a sagrada theologia.
Lopo. II. 48 Lopo Soares de Albergaria, famoso governador da India.
Lourenço. II. 43. D. Lourenço de Almeida, joven heroe filho de D. Francisco de Almeida.
Lucena. III. 61. O padre João de Lucena, jesuita, puro e elegante auctor da vida de S. Francisco Xavier.
Luiz. III. 16. O infante D. Luiz, filho do senhor rei D. Manuel, que esclareceu pelo seu valor e instrucção.

Luiz. IV. 42. D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, auctor do *Portugal restaurado*.
Luiz. V. 44. Luiz XVIII, rei de França, cujo throno foi restaurado em 1814.
Luiza. IV. 3, e VI. 27. D. Luiza de Gusmão, esposa do senhor rei D. João IV.
Lusitania. I. 2. Antigo nome da nossa patria, como é sabido de todos.
Lusitano. I. 65. *et sæpe*.
Lusos. I. 5. *et passim*.
Luthero. III. 42. Martinho Luthero, heresiarcha do seculo XVI, chefe dos protestantes na Allemanha, etc.
Lyceu. II. 8. Escola de philosophia, fundada em Athenas por Aristoteles.
Lysia. I. 1. *et passim*. O mesmo que Lusitania.

M

Macedo. IV. 44. Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, humanista, poeta e celebre polygrapho.
Macedo. V. 35. O padre José Agostinho de Macedo, poeta, oradar sagrado e douto polygrapho.
Macedonio. II. 44. Allude-se a Alexandre, rei de Macedonia, que invejou a Achilles ter tido por pregoeiro do seu valor um poeta tal como Homero.
Macedos. IV. 43. V. Sousa de Macedo e Ribeiro de Macedo.
Machado. V. 21. Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, auctor da estatua equestre do senhor rei D. José.
Machados. V. 6. Os irmãos d'este appellido Diogo, Ignacio e José, todos tres eruditos socios da academia real de historia, creada pelo senhor rei D. João V.
Madeira. II. 11. Ilha bem conhecida, situada no oceano Atlantico.
Madurey. IV. 37. Cidade e reino da India.
Mafalda. I. 32. A beata Mafalda, filha do senhor rei D. Sancho I.

Mafalda. VI. 4. Esposa do senhor rei D. Affonso Henriques.
Mafamede. I. 22. O mesmo que Mafoma.
Mafoma. I. 35. Falso propheta e legislador dos arabes, auctor do Corão.
Mafra. V. 3. Villa da Estremadura, distante seis leguas de Lisboa.
Magalhães. II. 47. Fernão de Magalhães, que, aggravado de el-rei D. Manuel, se passou a Castella, em cujo serviço descobriu o estreito que tem o seu nome.
Malabares. III. 54. Habitadores da costa do Malabar na India.
Malaca. IV. 22. Opulenta cidade da India, tomada pelo grande Affonso de Albuquerque.
Malaia. II. 47. Lança malaia, a que matou Fernão de Magalhães na ilha de Zebu, uma das Filippinas.
Mantuano. III. 10. Entende-se Virgilio, nascido na aldeia de Andes, perto de Mantua.
Manuel. II. 34. O senhor D. Manuel, decimo quarto rei de Portugal. N. 1469. A. 1495. F. 1521.
Marcello. IV. 20. Filho de Octavia, irmã de Octaviano Augusto, e filho adoptivo d'este imperador; mancebo de grandes esperanças, que morreu na flor dos annos.
Maria. II. 52. A infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel.
Maria. V. 22. A senhora D. Maria I, rainha reinante de Portugal. N. 1734. A. 1777. F. 1816.
Maria, VI. 23. D. Maria, segunda esposa do senhor rei D. Manuel.
Marianna. VI. 31. D. Marianna de Austria, mulher do senhor rei D. João V.
Marianna Victoria. VI. 33. Mulher do senhor rei D. José I.
Mario. I. 7. General romano, cujas partes seguiu Sertorio na luta civil entre elle e Sylla.
Maro. III. 26. Publio Virgilio Maro ou Marão, principe dos poetas latinos.
Martyres. III. 43. D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, modelo de prelados, que assistiu ao concilio de Trento.

Mascarenhas. III. 15. Pedro de Mascarenhas, capitão de Malaca, que se immortalisou por grandes victorias.

Mascarenhas. III. 9. D. João de Mascarenhas, que se immortalisou no segundo cerco de Diu.

Massena. III. 3. V. *Essling*.

Mathilde. I. 48. e VI. 8. Condessa de Bolonha, primeira mulher do senhor rei D. Affonso III.

Mauricio. IV. 19. Principe palatino do Rheno, que se refugiou no Tejo, fugindo á perseguição dos parlamentarios inglezes.

Mauritania. III. 38. Vasta região da Africa antiga, cujos limites variaram muito em differentes epochas.

Mauritano. II. 6. Toma-se como synonymo de mouro.

Mauro. I. 19. Adjectivo gentilico, de mouro.

Mecenas. III. 8. Cavalleiro romano, valido de Augusto, e protector das letras e das artes bellas.

Media. II. 46. Região da Asia, contada por Virgilio entre as mais ferteis e deliciosas.

Mello. IV. 9. Jorge de Mello, monteiro mór, um dos quarenta fidalgos acclamadores do senhor D. João IV.

Mello. IV. 13. Martim Affonso de Mello, que commandou a entrepreza de Valverde. Os outros Mellos a que a oitava se refere, são: Pedro de Mello, superintendente das armas de Miranda, e Francisco de Mello, general de cavallaria.

Mello. IV. 22. D. Francisco Manuel de Mello, famigerado polygrapho em prosa e em verso.

Menandro. III. 22. Famoso poeta comico atheniense.

Mendonça. IV. 9 Pedro de Mendonça, um dos quarenta fidalgos acclamadores.

Menezes. II. 13. D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, governador e defensor de Ceuta.

Menezes. II. 26. O conde D. Duarte de Menezes, segundo capitão de Ceuta, perto da qual praça morreu, tendo salvado a vida a el-rei D. Affonso V.

Menezes. II. 31. D. Fernando e D. Antonio de Menezes, valorosos cavalleiros que se distinguiram na Africa.

Menezes. III. 9. D. Henrique de Menezes, governador da India.

Menezes. IV. 28. D. Antonio Luiz de Menezes, marquez

de Marialva, vencedor dos castelhanos, nas linhas de Elvas e em Montes Claros.

Menezes. IV. 23. Francisco de Sá de Menezes, auctor do poema heroico *Malaca conquistada*.

Menezes. IV. 42. V. *Fernando*. V. *Luiz*.

Meonio. II. 44. Chama-se a Homero vate *Meonio*, porque alguns pretendem que nascêra na *Meonia*, nome poetico da Lydia, região da Asia menor.

Minerva. III. 8. Deusa da sabedoria, segundo a fabula.

Minho. III. 43. Rio e provincia de Portugal.

Miranda. III. 23. Francisco de Sá de Miranda, poeta portuguez muito conceituoso.

Moysés. I. 29. O celeberrimo e inspirado legislador dos hebreus.

Moluco. III. 38. Moley Moluco, principe marroquino, que desenthronisou seu sobrinho Hamet.

Mondego. I. 25. Rio de Portugal, que rega os campos de Coimbra.

Moniz. I. 26. Egas Moniz, aio do senhor D. Affonso Henriques, a quem livrou de cair em poder do rei de Leão, quando este o cercava em Guimarães.

Moniz. I. 28. Martim Moniz, que se sacrificou pela fé e pela patria, na tomada do castello de Lisboa aos mouros.

Montes Claros. IV. 27. Sitio no Alemtejo, em que o general castelhano marquez de Caracena foi desbaratado pelo marquez de Marialva.

Montijo. IV. 14. Villa da Estremadura hespanhola, perto da qual os castelhanos foram vencidos pelos portuguezes, no principio da guerra da acclamação.

Moraes. III. 25. Francisco de Moraes, auctor do romance intitulado *Palmeirim de Inglaterra*.

Moscho. III. 24. Poeta grego insigne no genero pastoril.

Mouro. I. 16. Povo mahometano, bem conhecido na nossa historia.

Musas. I. 1. Deusas que, segundo a fabula, presidiam ás letras e ás sciencias, e particularmente á poesia.

N

Narsinga. III. 14. Reino muito rico na India.
Nassau. IV. 15. João Mauricio, conde de Nassau, valente capitão hollandez.
Neri. IV. 39. S. Filippe Neri, fundador da congregação do Oratorio.
Nestor. IV. 30. O mais idoso dos capitães gregos confederados contra Troia, e entre elles considerado como um oraculo de sabedoria e discrição.
Neoburgense (ramo palatino). VI. 30. Familia soberana no antigo imperio de Allemanha.
Nilo. V. 18 Rio bem conhecido, que fertilisa o Egypto.
Nive. V. 42. Pequeno rio de França, nos Baixos Pyrenéus.
Noronha. II. 48. D. Garcia de Noronha, famoso governador da India.
Noronha III. 37. D. Antão de Noronha, governador da India.
Numa. I. 12. Segundo rei de Roma, soberano pacifico e civilisador.
Nunes. III. 45. O dr. Pedro Nunes, eximio mathematico, mestre do infante D. Luiz, filho do senhor rei D. Manuel.
Nunes. III. 61. Duarte Nunes de Leão, distincto chronista e curioso philologo.
Nuno. II. 6. V. *Pereira.*
Nymphas. III. 17. Deusas de segunda ordem, na mythologia grega e romana.

O

Octaviano. I. 8. O imperador Octaviano Augusto, que submetteu completamente os lusitanos, e veiu a ser o unico dominador de todo o imperio romano.
Octavio. II. 24. V. *Octaviano.*
Ophir. II. 46. Paiz oriental, onde as frotas de Salomão

iam buscar o oiro de tres em tres annos. Uns querem que seja Sofala, outros Sumatra, outros Java, etc.
Orão. IV. 35. Cidade maritima da Africa.
Orpheo. V. 31. Celebre poeta thracio, famigerado pela doçura de suas canções.
Orthez. V. 43. Cidade de França nos Baixos Pyrenéus, junto da qual o exercito portuguez e inglez venceu os francezes.
Osorio. III. 19. D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, elegante escriptor, que historiou as acções do senhor rei D. Manuel.
Ossuna. IV. 29. O duque de Ossuna, general castelhano, desbaratado por Pedro Jacques de Magalhães, junto de Castello Rodrigo.
Osymandias. II. 25. Rei do Egypto, que foi o primeiro a formar uma bibliotheca.
Ourique. I. 21. Villa do Alemtejo, perto da qual o senhor D. Affonso Henriques ganhou aos mouros a batalha d'este nome.
Ovidio. V. 31. Engenhoso e suavissimo poeta latino do seculo de Augusto.

P

Pacheco. I. 43. Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide mór de Celorico, famoso pela sua fidelidade ao senhor rei D. Sancho II.
Pacheco. II. 40. Duarte Pacheco Pereira, heroe na India, cognominado *Achilles Lusitano*
Padua. I. 41. Cidade de Italia no provincia Veneziana, onde estão os despojos mortaes de Santo Antonio de Lisboa.
Paes. I. 64. Gil Paes, alcaide mór de Torres Novas, celebre pela sua lealdade e grandeza d'alma, no reinado do senhor rei D. Fernando.
Paiva. III. 42. Diogo de Paiva de Andrade, famoso theologo, e notavel orador.
Palmella. I. 34. Villa na provincia da Estremadura.
Parma. III. 48. Ducado de Italia, cujo soberano, Rai-

nucio Farnese, foi um dos pretendentes á corôa de Portugal em tempo do cardeal rei.

Pedro Hispano. I. 51. V. João XXI ou XXII.

Pedro. I. 59 e 60. O senhor D. Pedro I, oitavo rei de Portugal. N. 1320. A. 1357. F. 1367.

Pedro. IV. 34. O senhor D. Pedro II, vigesimo terceiro rei de Portugal. N. 1648. A. 1683. F. 1706.

Pedro. V. 26. O senhor D. Pedro III, esposo da rainha a senhora D. Maria I.

Pedro. II. 17. O infante D. Pedro, governador do reino na menoridade do senhor D. Affonso V.

Pelaio. I. 15. Primeiro rei christão na Hespanha, depois da invasão dos arabes.

Pelide. I. 27. Achilles, filho de Peleo, e o mais valente dos gregos que cercaram Troia.

Pella. II. 54. Capital do antigo reino de Macedonia, onde Aristoteles instruiu a Alexandre, filho de Filippe.

Pelopeia (costa). V. 5. A costa da Morêa, antigamente Peloponeso.

Peno. I. 2. O mesmo que carthaginez, antigo povo africano.

Pereira. II. 4. D. Nuno Alvares Pereira, o condestavel, um dos maiores heroes memorados na historia portugueza.

Peres. II. 26. Gonçalo Peres, que na batalha de Toro se lançou com outros no meio dos castelhanos, e lhes arrancou o estandarte real portuguez.

Perestrello. II. 11. Bartholomeu Perestrello, descobridor da ilha de Porto Santo.

Peripato. II. 8. V. *Lyceu*.

Phidias. V. 21. Esculptor atheniense, o maior estatuario da antiguidade.

Phlegetonte. III. 62. Um dos rios do inferno, segundo a mythologia.

Pina. II. 31. Ruy de Pina, chronista do reino.

Pindaro. V. 17. O principe dos poetos lyricos gregos.

Pindo. I. 1. Monte da Grecia, no Epiro, antigamente consagrada a Apollo e ás Musas.

Pinto. III. 46. Fernão Mendes Pinto, curioso narrador de suas proprias peregrinações.

Pires. III. 9. Lourenço Pires de Tavora, valente capitão e habil diplomatico,
Platão. III. 23. Famoso philosopho grego, fundador da primeira escola academica.
Plauto. III. 22. Illustre poeta comico latino.
Plaucio. I. 5. Pretor romano, vencido por Viriato.
Pombal. V. 10. V. *Carvalho* (Sebastião José de).
Pomona. I. 2. Deusa dos pomares e dos fructos.
Pompeu. I. 5. Pompeu Nepos, consul romano, que tentou em vão submetter os lusitanos.
Ponte Vedra. I. 34. Cidade de Galliza, não longe do mar.
Portugal. I. 2.
Praga. VI. 32. Capital da Bohemia. Por heroe de Praga entende-se aqui S. João Nepomuceno, martyr do sigillo sacramental.
Ptolemeu. II. 11. Celebre astronomo grego, que floreceu no segundo seculo da era christã.
Pydna. III. 11. Cidade da Macedonia, perto da qual Paulo Emilio desbaratou Perseu.
Pyrene. I. 11. Donzella a qual, segundo a fabula, deu o seu nome aos montes que separam a Hespanha da França.
Pyrenéus. V. 23. Montes entre França e Hespanha.

Q

Quevedo. III. 59. Vasco Mousinho de Quevedo, auctor do poema epico intitulado *Affonso Africano*.
Quental. IV. 39. O veneravel padre Bartholomeu do Quental, que introduziu em Portugal a congregação do Oratorio.
Quiloa. II. 41. Cidade de Africa na costa de Melinde.
Quirino. I. 12. O mesmo que Romulo, fundador e primeiro rei de Roma.

R

Restello. II. 51. Sitio a uma legua de Lisboa, ao poente, onde embarcaram os portuguezes que foram ao descobrimento da India, e onde hoje está a igreja consagrada a Nossa Senhora de Belem.

Rezende. II. 31. Garcia de Rezende, chronista e poeta conceituoso

Ribeiro. IV. 10. João Pinto Ribeiro, jurisconsulto, que muito contribuiu para a acclamação do senhor D. João IV, cujo secretario era.

Ribeiro. IV. 43. Duarte Ribeiro de Macedo, diplomatico, philosopho e politico, auctor de varias obras estimadas.

Roberto. IV. 19. Principe palatino. V. *Mauricio*.

Rodrigo. I. 14. O ultimo dos reis wisigodos em Hespanha.

Rodrigues. II. 5. Mem Rodrigues de Vasconcellos, esforçado capitão que muito se distinguiu na batalha de Aljubarrota.

Rodrigues. III. 58. Francisco Rodrigues Lobo, elegante prosador e poeta distincto no genero pastoril, mas pouco feliz no epico.

Rolim. III. 9. Allude-se n'este logar a Pedro Barreto Rolim, que se abalisou pelas suas proezas na India.

Roma. I. 3. Capital do maior imperio do mundo na antiguidade, e hoje metropole do mundo christão.

Roupinho. I. 27. D. Fuas Roupinho, esforçado capitão por mar e por terra, de quem contam grandes façanhas as antigas chronicas.

Rumes. II. 42. Os persas e os mogores chamam assim aos turcos.

Ruy de Pina. II. 31. Chronista mór do reino, e guarda mór do archivo da torre do tombo.

S

Sabauda. VI. 4. Natural de Saboia.
Saboia. III. 48. Nobilissimo ducado, cujo soberano, Manuel Felisberto, foi um dos pretendentes á successão do throno de Portugal, em tempos do cardeal rei.
Sagres. II. 8. Villa do Algarve, junto do cabo de S. Vicente.
Salado. I. 56. Pequeno rio, perto dos campos de Tarifa, na Andaluzia.
Saldanha. III. 9. Dos muitos heroes d'esta illustre familia, aquelle a que se allude aqui é Antonio de Saldanha, valente capitão na Asia e na jornada de Tunis.
Saldanha. V. 52. Antonio de Saldanha, conde de Porto Santo, um dos tres plenipotenciarios portuguezes no congresso de Vienna.
Salvador Correia. IV. 18. V. *Correia.*
Samorim. II. 40. Titulo do soberano de Calecut.
Samos. V. 30. Ilha do mar Egeo, patria de Pythagoras, fundador da escola italica, grande philosopho e insigne mathematico.
Sampaio. I. 34. Villa da Galliza.
Sampaio. III. 14. Lopo Vaz de Sampaio, que ganhou uma famosa batalha naval ao grande capitão mouro Cutiale.
Sancha. I. 32. A beata Sancha, filha do senhor rei D. Sancho I.
Sancho. I. 31. O senhor D. Sancho I, segundo rei de Portugal. N. 1154. A. 1175. F. 1211.
Sancho. I. 42. O senhor D. Sancho II, quarto rei de Portugal. N. 1209 ou 1210. A. 1223. F. 1248.
Sancho. IV. 28. D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, um dos maiores heroes da guerra da acclamação, e vencedor de D. João de Austria, na batalha do Ameixial.
Santa Cruz (Terra da). II. 45. O Brazil.
Santarem. I. 24 Villa nobilissima da provincia da Estremadura.
Sarraceno. I. 17. Nome que na idade media se deu vulgarmente aos arabes, mouros, etc.

Scipiões. IV. 21. Famosissimos capitães romanos, um appellidado *Africano Maior*, vencedor de Hannibal; outro cognominado *Africano Segundo*, destruidor de Carthago.

Schomberg. IV. 31. Marechal de França, que muito contribuiu, como general e como disciplinador, para o triumpho da independencia de Portugal, na guerra contra Castella.

Sebastião. III. 35. O senhor D. Sebastião, decimo setimo rei de Portugal. N. 1554. A. 1557. F. 1578.

Sena. II. 54. Rio de França, que corre junto de Paris.

Sepulveda. III. 28. Manuel de Sousa Sepulveda, esforçado cavalleiro, cujo naufragio, peregrinação e morte com sua mulher e filhos na Cafraria, foram celebrados por Jeronymo Côrte Real.

Sequeira. II. 48. Diogo Lopes de Sequeira, illustre governador da India, o qual abriu communicação pela via da India com o imperio do Preste, na Éthiopia ou Abissinia.

Sertorio. I. 7. Valoroso general romano, que veiu capitanear os lusitanos na luta por elles sustentada pela sua independencia.

Sigêas (as Irmãs). II. 53. Luiza e Angela, filhas de Diogo Sigé, francez, que com ellas veiu de Toledo a Portugal. Foram muito famigeradas pela sua grande instrucção.

Sigismundo. IV. 15. Sigismundo Van Schopp, general hollandez, vencido pelos portuguezes no Brazil.

Siloé. III. 17. Fonte em Jerusalem, muito celebrada entre os antigos judeus, e junto da qual estava a milagrosa piscina de que falla o evangelho.

Silveiras. III. 9. Um é Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim; outro Antonio da Silveira, defensor de Diu.

Silves. I. 31. Cidade do Algarve.

Soeiro. I. 36. D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa.

Sophia. V. 19. Personificação poetica da sabedoria.

Sophia. VI. 30. D. Sophia, segunda esposa do senhor rei D. Pedro II.

Soult. V. 39. Marechal de França, um dos melhores generaes de Napoleão I.

Sousa. III. 60. Fr. Luiz de Sousa, historiador e um dos mais puros e elegantes escriptores da nossa lingua.
Sousa. IV. 43. Antonio de Sousa de Macedo, prosador e poeta, auctor do poema heroico *Ulyssipo*.
Sousa. V. 36. D. Rodrigo de Sousa, conde de Linhares, illustrado estadista, ministro do principe regente D. João.
Sousa. V. 52. D. Pedro de Sousa e Holstein, conde, marquez e duque de Palmella, um dos plenipotenciarios de Portugal no congresso de Vienna. Nascêra em Turim.
Sousas. III. 9. Entre os heroes d'esta esclarecida familia, allude-se aqui especialmente a Martim Affonso de Sousa, heroe famoso no Brazil e na India.
Stoa. II. 8. Quer dizer *portico*, e toma-se pela escola philosophica de Zeno.
Strabão. II. 11. Famoso geographo grego, que se immortalisou pelos seus escriptos, sob o imperio de Augusto e de Tiberio.
Suevos. I. 10. Povos germanicos, invasores do imperio romano.

T

Tanger II. 14. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.
Tareja. I. 18. e VI. 2. D. Thereza, filha do imperador D. Affonso VI, e mulher do conde D. Henrique.
Targa. II. 30. Cidade de Africa, no reino de Fez.
Tasso. IV. 30. Torquato Tasso, principe dos epicos italianos. O heroe da sua epopea é Godofredo de Bulhão.
Tavora. II. 31. D. Martinho de Tavora, que se abalisou nas guerras de Africa.
Teia. V. 32. Teia Lyra, a de Anacreonte, poeta grego, nascido em Teos, cidade da Jonia, na Asia Menor.
Teixeira. II. 11. Tristão Vaz Teixeira, um dos descobridores da ilha da Madeira.
Tejo. I. 21. Rio de Hespanha e de Portugal, bem conhecido.
Tempe. II. 46. Campos da Thessalia, muito celebrados pela sua amenidade.

Templo (Milicia do). I. 54. Ordem militar, extincta reinando em Portugal o senhor D. Diniz.

Testi. V. 33. O conde D. Fulvio Testi, poeta lyrico italiano, do xvii seculo.

Teutonica. VI. 32. Familia teutonica, o mesmo que germanica ou allemã. Aqui significa uma communidade carmelita, vinda de Allemanha.

Thebano. III. 10. Cantor thebano, Pindaro natural de Thebas.

Theodosio. IV. 20. O principe D. Theodosio, filho do senhor rei D. João IV: falleceu tendo pouco mais de dezenove annos de idade.

Theotonio. I. 29. S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, a quem tradições antigas (mas sem fundamento grave) attribuem grandes proezas militares.

Thereza. VI. 2. V. *Tareja*.

Thereza. I. 32. A beata Thereza, rainha de Leão, filha do senhor rei D. Sancho I.

Thessalia. II. 9. Um dos sete paizes da peninsula hellenica, e de que Jasão foi rei.

Thomar. I. 33. Cidade de Portugal na provincia da Estremadura.

Thomé. III 51. Fr. Thomé de Jesus, eremita augustiniano, insigne escriptor ascetico.

Thomyris. IV. 4. Rainha dos massagetas: combateu, venceu e matou o grande Cyro, que á frente de um poderoso exercito invadira os seus estados.

Tibre. V. 17. Rio que banha a cidade de Roma.

Tigre. V. 18. Grande rio da Asia.

Tite. II. 49. Pequena cidade de Africa, no imperio de Marrocos.

Tito. V. 53. Imperador de Roma, famigerado pela sua clemencia e pela brandura do seu caracter.

Tolosa. V. 44. Cidade de França, cabeça do departamento do Alto Garonna.

Tormentorio. II. 27. Cabo das Tormentas, chamado depois cabo da *Boa Esperança*, nome este que lhe foi posto pelo senhor rei D. João II.

Tormentoso. (Cabo) V. *Tormentorio*.

Toro. II. 21. Cidade de Hespanha, no reino de Leão, junto do qual o senhor D. Affonso V foi desbaratado pelos hespanhoes do partido de D. Fernando de Aragão.
Torres Novas. I. 33. Villa de Portugal na Estremadura.
Transtagano (Terreno). I. 22. A provincia do Alemtejo.
Trento. III. 41. Cidade do Tyrol, onde se celebrou o ultimo concilio geral da igreja.
Tristão. II. 51. Tristão da Cunha, fidalgo muito valoroso, e embaixador do senhor D. Manuel a Roma.
Troia. VI. 15. Antiga capital da Troade, na Asia Menor, celebre pelos poemas de Homero.
Tullio. III. 20. Marco Tullio Cicero, principe dos oradores latinos, e celebre philosopho e estadista.
Tunis. III. 16. Cidade de Africa na Barbaria, ás margens do Mediterraneo.
Turcos. III. 54. Grande familia da raça indo-germanica, sequazes da religião mahometana.
Tuy. I. 34. Cidade de Galliza, junto do rio Minho.

U

Ulysseia. II. 38. O mesmo que Lisboa.
Unimano. I. 5. Capitão romano, vencido por Viriato.
Urania. III. 17. Musa que se dizia presidir á astronomia.
Urraca. VI. 7. D. Urraca, esposa do senhor D. Affonso II.

V

Valverde. IV. 13. Villa da Estremadura hespanhola, perto de Badajoz.
Vandalia (Terra). I. 46. O mesmo que Andaluzia.
Vandalos. I. 10. Povos de origem slava, que invadiram Hespanha, Africa, etc.
Vasconcellos. IV. 30. Joanne Mendes de Vasconcellos,

valente general na Bahia, e no Alemtejo, durante a guerra da acclamação.

VATICANO. II 51. Uma das sete collinas de Roma. Toma-se ás vezes como synonymo da cidade eterna, do pontifice que tem n'ella a sua séde, etc.

VAZ. III. 45. Pedro Vaz Castello, medico lente da universidade de Tolosa.

VENUSA. VI. 35. Cidade de Italia na Apulia, patria de Horacio.

VICENTE. III. 22. Gil Vicente, famoso poeta comico portuguez.

VIDAL. IV. 17. André Vidal de Negreiros, valente cabo de guerra na luta contra os hollandezes no Brazil.

VIEIRA. IV. 11. O padre Antonio Vieira, jesuita, grande orador, e um dos nossos mais distinctos escriptores classicos.

VIEIRA. IV. 17. João Fernandes Vieira, illustre capitão, restaurador de Pernambuco.

VILHENA. IV. 3. D. Filippa de Vilhena, dama que se immortalisou na manhã do fausto dia 1.º de dezembro de 1640.

VIRIATO. I. IV. Capitão lusitano esforçadissimo, que sustentou por muitos annos a independencia patria contra os romanos.

VITORIA. V. 42. Cidade do norte de Hespanha, celebre pela total derrota que, perto d'ella, experimentou o exercito francez defensor da causa do intruso rei José.

VIVES. II. 57. Luiz Vives, celeberrimo humanista hespanhol.

VIZEU. II. 29. O duque de Vizeu D. Jayme, apunhalado em Setubal, pelo proprio rei o senhor D. João II, contra quem conspirava.

VOLGA. V. 49. O maior rio da Russia europea e de toda a Europa.

W

WELLINGTON. V. 48. O duque de Wellington, famigerado heroe, vencedor dos exercitos francezes na peninsula, e do proprio Napoleão em Waterloo.

X

Xavier. III. 31. S. Francisco Xavier, glorioso apostolo do Oriente.

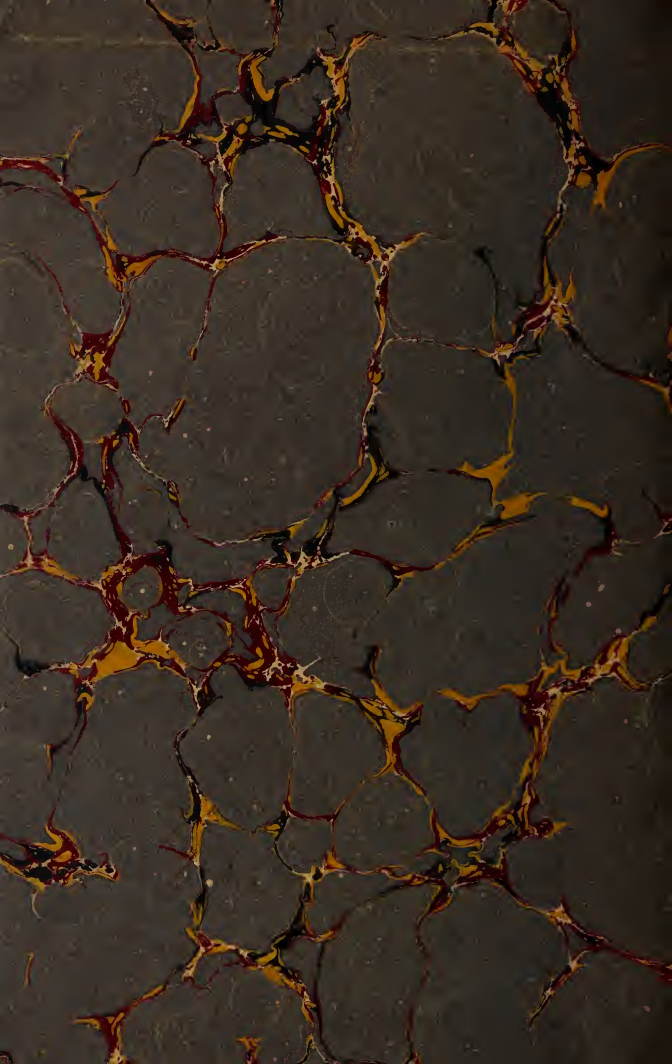
Y

Yaz. II. 42. Melique-Yaz, mouro que de captivo de um mercador, veiu a ser senhor de Diu.

Z

Zama. III. 11. Cidade de Africa, em cujas cercanias o primeiro Scipião venceu a Hannibal.
Zarco. II. 11. João Gonçalves Zarco, um dos descobridores da ilha da Madeira.
Zenobia. IV. 4. Rainha de Palmyra, viuva de Odenato: pelejou valorosamente contra os romanos, e só depois de uma longa luta foi vencida pelo imperador Aureliano.

ERRATA

Canto I.	Est.	8	....	lute, —leia-se:		pugne,
» II.	»	45	....	deste	»	déste.
» »	»	53	....	As Sigêas	»	Ás Sigêas
» IV.	»	3	....	O varão	»	O valor
» »	»	41	....	E hoje	»	É hoje
» V.	»	7	....	louro	»	louros,
» »	»	32	....	propõe	»	prepõe
» »	»	53	....	As aguias	»	Ás aguias

Alguns erros de pontuação facilmente serão emendados pelo benigno leitor.